

Universidade Estadual Paulista
“Júlio De Mesquita Filho”
Instituto de Artes - Campus São Paulo

Rafael Frederico de Oliveira

TCC: TRAÇADOS DA CONFUSÃO EM CURSO
notas hipnagógicas para uma crítica radical do presente

São Paulo
2022

RAFAEL FREDERICO DE OLIVEIRA

TCC: TRAÇADOS DA CONFUSÃO EM CURSO

notas hipnagógicas para uma crítica radical do presente

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho" - UNESP, para obtenção
dos títulos de Bacharel e Licenciado em
Artes Visuais

Orientador: Prof. Dr. Pelópidas Cypriano
de Oliveira

São Paulo

2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

O48t	Oliveira, Rafael Frederico de, 1991- TCC : traçados da confusão em curso : notas hipnagógicas para uma crítica radical do presente / Rafael Frederico de Oliveira. - São Paulo, 2022. 47 f. : il. color. Orientador: Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes 1. Performance (Arte). 2. Subjetividade. 3. Arte e sociedade. I. Oliveira, Pelópidas Cypriano de. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título. CDD 701.03
------	--

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

FOLHA DE APROVAÇÃO
RAFAEL FREDERICO DE OLIVEIRA

TCC: TRAÇADOS DA CONFUSÃO EM CURSO
notas hipnagógicas para uma crítica radical do presente

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho" - UNESP, para obtenção
dos títulos de Bacharel e Licenciado em
Artes Visuais

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira
Orientador
Instituição: UNESP - Instituto de Artes

Dra. Glaucia Eneida Davino
Instituição: UNESP - Instituto de Artes

Dr. Dirceu Antonio Scali Junior
Instituição: PUC Campinas

RESUMO

O presente trabalho é fruto artístico-pedagógico de uma pesquisa multidisciplinar acerca do tempo histórico caótico no qual foi escrito. Abordando a urgência do suicídio civilizatório iminente (da Era Atômica à Emergência Climática) e a condição subjetiva do EU em meio à situação de esquizofrenia social (Era da Pós-Verdade), o trabalho tenta responder diretamente à aparente impotência humana frente ao apocalipse de nossa própria autoria.

Aproximando saberes da ciência ocidental e da filosofia budista sobre o fenômeno do observador, a reflexão textual, aliada a uma diagramação carregada de cantos paralelos, serve de base para uma performance: um encontro individual no ateliê do artista para debater os muitos pontos levantados.

Do ponto de vista científico e pedagógico, a performance se apresenta como um esboço para um laboratório do EU - defendido como uma ilusão constantemente recriada através de nossas múltiplas interações em sociedade. O espaço do encontro, uma tentativa de reinvenção coletiva através do diálogo.

Nota Técnica: o arquivo foi feito para ser impresso, e portanto encontra-se no modo de cores CMYK. Recomendamos que a leitura virtual seja feita com um software que dê suporte a esse modo de cores para uma melhor apreciação.

Palavras-Chave: Performance (Arte). Subjetividade. Aquecimento Global. Bomba Atômica. Meditação. Budismo. Marxismo (Comunismo). Educação. Educação Visual

ABSTRACT

The present work is the artistic and educational fruit of a multidisciplinary research on the chaotic historical period on which it's been written. Covering the urgency of the imminent civilizatory suicide (from the Atomic Age to the Climate Emergency) and the subjective condition of the "I" amid a situation of social schizophrenia (Post Truth Era), the work tries to directly answer the apparent human powerlessness before an apocalypse of our own authorship.

Approximating concepts from western science and buddhist philosophy regarding the observer phenomenon, the written remarks, allied to a design filled with parallel voices, serve as basis for a performance work: an individual encounter at the artists studio to debate the many points that are raised.

From a scientific and educational point of view, the performance comes forth as a sketch for a laboratory of the "I" - presented as an illusion, constantly recreated through our multiple social interactions. The space of the encounter, an attempt to collectively reinvent ourselves through dialogue.

Technical Note: the file was created for printing, and is therefore in the CMYK color mode. We recommend any virtual reading to be made using software compatible with such color mode for better appreciation.

Key Words: Performance (Art). Subjectivity. Global Warming. Atomic Bomb. Meditation. Buddhism. Marxism (Communism). Education. Visual Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. TCC: TRAÇADOS DA CONFUSÃO EM CURSO.....	9
3. CONCLUSÃO.....	43
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma trajetória acadêmica não convencional, e tenta dar forma a uma reflexão multidisciplinar que extrapola o campo das artes. No entanto, também não é por acaso que tenha surgido no contexto de uma dupla graduação (bacharelado e licenciatura) em Artes Visuais.

A principal inquietação por trás de toda essa trajetória talvez seja a impotência do pensamento científico frente às tensões políticas e civilizatórias de nosso tempo. Tal inquietação nos acompanha desde a escolha da primeira graduação frustrada, ainda em 2008, e seguiria sendo o motor de nossa pesquisa dentro e fora da universidade. A recente pandemia mundial, junto da ascensão vertiginosa do negacionismo científico, só fizeram reforçar nossa sensação de urgência da presente pesquisa.

Nesse contexto é importante pontuar a trajetória acadêmica que desemboca, em 2014, na escolha das Artes Visuais como campo definitivo para nossa primeira graduação: Física (USP-2009), História (USP-2010), Letras (USP-2011), Análise de Sistemas (FATEC-2012), Matemática (USP-2013), e enfim Artes Visuais (UNESP-2014).

Nossa passagem por cada curso listado, com exceção do último, teve sempre a duração de um único semestre, e pode ser resumida, para fins narrativos, como uma breve incursão nos campos particulares do saber, o reencontro com a sensação de sua insuficiência, e a desistência em busca novamente de uma ideia de universal.

Essa oscilação pelos templos do saber, mais do que uma busca intelectual, sempre teve por base a necessidade de reencontrar a possibilidade de ação no mundo, a transformação ativa da realidade política, social e humana, que nos parecia exigir ações de transformação profundas e urgentes. Paralelamente à trajetória acadêmica, encontramos respostas a essa mesma inquietação em dois outros campos de atividade: o teatro, junto à Companhia Antropofágica, e a prática budista, através do Centro de Estudos Budistas Bodisatva.

Abordar as muitas questões encontradas ao longo dessa trajetória múltipla é o ponto central deste trabalho. O resultado poderá ser verificado na próxima sessão. Faz-se necessário, a título de introdução, comentar a forma final que alcançamos, e através da qual nós mesmos pudemos compreender o sentido profundo que a Arte e a Educação assumiram como resposta efetiva às perguntas que trazemos desde sempre.

Na tentativa de tirar sentido de nossa própria trajetória artística e intelectual, iniciamos a produção deste trabalho de forma meramente textual. Os primeiros textos foram compartilhados com pares de diferentes campos da vida, e a partir destes encontros pudemos compreender o caráter metalinguístico e performático que nos permitiria juntar as partes num todo sempre em aberto: uma performance baseada na necessidade urgente de concluir um trabalho de pesquisa acadêmica através do debate com diferentes pares.

De forma sucinta, a performance funciona da seguinte forma:

- o texto parcial do trabalho é entregue para alguém;
- eu peço que a pessoa leia o trabalho, frisando seu caráter incompleto;
- e convido a pessoa para vir ao meu ateliê para tomar um café e conversar;

O encontro que se desenvolve no ateliê é o trabalho em si. Esse jogo foi o motor do desenvolvimento do documento que está apresentado na próxima sessão. O conteúdo do texto, como verificamos, foi capaz de despertar reações diversas, em pessoas de diferentes áreas do conhecimento: da música à educação, da fisioterapia ao budismo, do design à psicologia.

O ponto em comum despertado pela forma, tanto do texto quanto do encontro, pode ser resumido de uma forma que retoma aquela inquietação inicial de nossa pesquisa: é urgente encontrarmos a linguagem, o tempo e o espaço para tratarmos de questões sempre inalcançáveis ao atual estágio de nosso vocabulário social. Tais questões vão do nível pessoal ao civilizatório, e o presente trabalho, com a modéstia da formiga, propõe que as práticas artísticas talvez possam ajudar nessa tarefa.

2. TCC: TRAÇADOS DA CONFUSÃO EM CURSO

Como dito na seção anterior, o trabalho textual e gráfico que será apresentado é o suporte material de uma performance. Conforme avançamos no desenvolvimento do texto, compreendemos o papel que a visualidade poderia ter na produção desse documento. O que começou como um texto simples, tornou-se uma revista na qual pudemos adicionar muito de nossa própria produção estética, na medida em que diferentes elementos visuais contribuía na construção do efeito narrativo.

Nesse exercício, e incentivados por nosso orientador, tivemos de abandonar a padronização formal do texto. Brincamos também com a tensão entre o discurso científico, e as camadas narrativas que escapam a ele. Alcançamos assim, na forma composta entre texto e imagem, aquela mesma tensão já apontada no início de nossa trajetória: a insuficiência do pensamento científico em responder à realidade histórica de nossa civilização. Esta reaparece aqui através do tensionamento da forma: o trabalho de pensamento e linguagem possibilitado pelas técnicas das Artes Visuais extrapolam o formato padrão da publicação científica.

A partir da próxima página, incluímos a íntegra da versão mais recente da revista que estamos diagramando. Por tratar-se de um trabalho autônomo, a numeração das páginas começará novamente, novas sessões introdutórias aparecerão, e temas já apresentados serão reelaborados. Para adequação ao sumário deste arquivo, cada página dupla da revista será contada como uma única página.

Vale frisar que esta quebra foi endossada pelo orientador, e que fizemos um esforço por conciliar como pudemos as necessidades técnicas da academia e as soluções gráficas desenvolvidas. O caráter parcial do trabalho, nos permite também acreditar que toda insuficiência de nosso esforço será objeto da continuidade dessa mesma pesquisa em etapas posteriores, uma vez que a descoberta dessa forma foi de fato um ponto importante de nossa trajetória artística e científica, que certamente não se encerra aqui.

2008
2022

T
C
C



almanaque
do praticante

Traçados da Confusão em Curso



notas *hipnagógicas*
para uma
crítica radical
do
presente



este livro é parte do processo de construção de um curso.

esta é uma obra de ficção :
**NÃO ENTRE
EM PÂNICO!**

este livro é parte de uma tentativa de mudança de curso.

a realidade é uma obra de :
FIQUE-SÃO!

este livro é parte de um mapa da confusão em curso



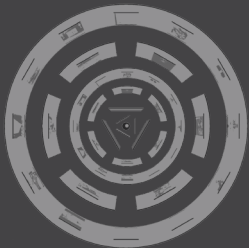
grifo nosso

Os adultos ficam dizendo: "devemos dar esperança aos jovens". Mas eu não quero a sua esperança. Eu não quero que vocês estejam esperançosos.
Eu quero que vocês estejam em pânico.
Quero que vocês sintam o medo que eu sinto todos os dias. E eu quero que vocês ajam.
Quero que ajam como agiriam em uma crise.
Quero que vocês **ajam como se a casa estivesse pegando fogo, porque está.**

“
ativista ambiental sueca
”

01.

--- Greta Thunberg
aos **15 anos**,
em seu primeiro discurso na
ONU, em Davos, durante a
Conferência do Clima
[2018]



grifo nosso

Aos que afirmam, enfim, não ser realista consumir essa ruptura civilizacional neste decênio, é preciso responder que **é o realismo que nos trouxe a esta encruzilhada final.**
(...)
Numa palavra, sobreviver neste novo planeta supõe a construção de uma sociedade ecodemocrática, na qual os direitos humanos sejam enfim compreendidos como uma dimensão dependente e indissociável dos direitos da natureza.
Todo o resto, por importante que possa parecer, é ilusão. É apenas mais um avatar do “realismo”.

“
historiador da arte e ambientalista brasileiro
”

02.

--- Luiz Marques
em
Da geofísica à sociofísica
no Jornal da Unicamp
[2022]

prólogo



nada de novo no front: da era atômica à emergência climática

Escrevemos fortemente influenciados pelo espírito de assombro e impotência causado pela pandemia da Covid-19, no qual pudemos observar, desde sua origem até seus desdobramentos ainda em curso, um caso exemplar de **contradição entre o discurso científico e a ação coletiva**.

Como exercício de exorcismo crítico desse assombro, abriremos os trabalhos localizando essa mesma questão entre dois macro temas para emoldurar os dilemas históricos da conflituosa relação entre ciência e política: a **Era Atômica**, inaugurada pelas bombas nucleares norte-americanas detonadas em Hiroshima e Nagasaki em 1945, e a **Emergência Climática**, tema que ganhou tração especialmente a partir dos anos 90, então com o nome ainda mais brando de aquecimento global.

As reflexões teóricas inauguradas pela primeira demonstração prática do poder bélico nuclear nomeiam uma questão complexa, que hoje é parte cotidiana dos noticiários e currículo básico desde a escola primária: **estamos diante da possibilidade técnica de causarmos, nós mesmos, a extinção de nossa própria espécie**.

Günther Anders, em 1959, elabora em profundidade a dimensão existencial desse enunciado para o pensamento crítico em suas Teses para a Era Atômica:

1. Hiroshima como Condição Mundial: Em 6 de agosto de 1945, o Dia de Hiroshima, uma Nova Era começou: a era em que, **a qualquer momento, temos o poder de transformar qualquer lugar do nosso planeta, e até o nosso próprio planeta, em uma Hiroshima**. Naquele dia, nos tornamos, ao menos modo negativo, onipotentes; mas na medida em que, por outro lado, podemos ser dizimados a qualquer momento, também nos tornamos totalmente impotentes. Dure o quanto durar, mesmo que dure para sempre, **essa Era é “A Última Era”**: pois não há possibilidade alguma que sua diferencia específica, a possibilidade de nossa auto-extinção, termine jamais – exceto pelo próprio fim.

grifo nosso

06.

A leitura atenta dos apontamentos de Anders nos permitirá compreender uma íntima relação entre a esquizofrenia social que marca a Era Atômica, e aquela que vemos se desenrolar em relação às perspectivas de catástrofe climática. Alguns pontos relevantes merecem atenção para construção do cenário distópico de nossa ciência do fim.

Enquanto parte da máquina social, o discurso científico provou-se repetidamente incapaz de fazer frente efetiva aos impulsos econômicos, às radicalizações políticas e/ou religiosas, ao sensacionalismo de ocasião - mesmo (ou especialmente) quando denunciava os mais urgentes riscos de extinção, violência e morte.

A estridente e cotidiana denúncia científica do perigo biológico não foi capaz de criar condições efetivas de enfrentamento à pandemia do coronavírus em 2020. Tampouco as inúmeras conferências internacionais ou a crescente presença midiática do discurso ambiental foram capazes de efetivar a redução necessária da emissão de gases do efeito estufa desde a década de 90. Nem os físicos teóricos nem o pacifismo hippie tiveram força social para impedir a proliferação de armas atômicas ao longo de toda a segunda metade do século XX.

Colocados em perspectiva histórica, todo avanço político aparente, foi sempre seguido de impasses intransponíveis frente às contingências dos poderes políticos e econômicos. As necessidades naturalizadas da máquina Civilização passariam sempre à frente das emergências humanas denunciadas pela ciência: a retomada da economia se imporia à quarentena e às vacinas, o necessário desenvolvimento econômico seguiria alimentando-se do petróleo, as imposições estratégicas da segurança nacional exigiriam a proliferação inevitável da Bomba. **A cada novo alerta científico de suicídio social iminente, a sociedade responderia com a normalização político-gerencial da catástrofe inevitável.**

Retornando ao texto de Anders, veremos o autor elaborar 22 teses sobre as consequências filosóficas desse novo estágio de nossa civilização, e o sentido de radicalidade que deve assumir o pensamento crítico, quando este se percebe como parte da máquina absurda que conduz a si mesma à sua própria destruição. Percurso filosófico ao qual se alinham as intenções desse catado de escritos: uma tentativa de compreender o caráter sistêmico da máquina de guerra

07.

Ficção científica também no sentido em que os pontos fracos se revelam. (...) Só escrevemos no limite de nosso saber, na extremidade que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro. É só deste modo que somos determinados a escrever. Suprir a ignorância é deixar a escrita pra depois, ou melhor, torná-la impossível. Talvez tenhamos aí, entre a escrita e a ignorância, uma relação ainda mais ameaçadora do que a relação geralmente apontada entre a escrita e a morte, entre a escrita e o silêncio. Falamos, pois, de ciência de uma maneira que, infelizmente, sentimos não ser científica.

Gilles Deleuze
no prólogo de
Diferença e Repetição

filósofo francês

por Pícaro Dias
Teórico da Revolução
e Picareta do Poema

06.

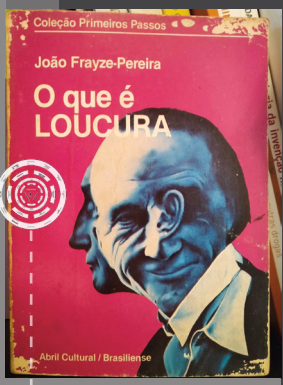
Günther Anders

nas
Teses para a Era Atômica

“

filósofo e jornalista alemão

”



- O que é a Loucura? [João Frayze Pereira]
- Jamais Fomos Modernos [Bruno Latour]
- Psicologia da Invenção na Matemática [Jacques Hadamard]
- Imagens do Pensamento: Sobre o Haxixe e outras drogas [Walter Benjamin]
- Pensamento e Linguagem [Lev Vigotski]
- O Inconsciente [Henri Ey]
- Repressão Sexual [Marilena Chauí]
- Sejamos Todos Musicais [Mário de Andrade]
- A Natureza do Espaço [Milton Santos]
- A Rosa do Povo [Carlos Drummond de Andrade]
- A Balada do Falso Messias [Moacyr Scliar]



autofágica, dentro da qual a ação cotidiana do indivíduo - seja cientista, artista, burocrata, policial, patrão ou operário - leva-o à condição de agente inconsciente da máquina histórica que trabalha por sua própria aniquilação.

Uma reedição da banalização do mal denunciada por Arendt, não mais no caso limite da máquina de guerra nazista, mas do outro lado de todos os espelhos fabricados na China, a refletir o Indivíduo globalizado em 8 bilhões de cotidianos, **agentes impessoais do apocalipse, agindo sob a égide inevitável da submissão ritual ao trabalho, consumo e crescimento econômico infinito enquanto dure.**

Em sua última tese, Anders nos oferece ainda uma pista interessante das consequências dessa situação autodestrutiva, velada sob a normalidade social, para as subjetividades engajadas nessa atividade de construção coletiva do fim do mundo. Mais especificamente acerca **do papel que o ódio assumiria nessa guerra social cujo inimigo não podemos nomear**, e na qual o efeito físico da violência está espacialmente apartado da ação que o gera:

22. Abolição Macabra do Ódio: Se (...) o cenário da ação e o cenário do sofrimento estão apartados – se o sofrimento não ocorre no mesmo lugar do ato, se a ação se torna uma ação sem efeito visível, **se o sofrimento se torna um sofrimento sem causa identificável** – o ódio desaparece, ainda que de um modo totalmente ilusório.

A distância entre as ações que levam à detonação de uma bomba atômica e aqueles que sofrem seus efeitos é tão grande, e tão envolta no verniz da normalidade alienada de nossas instituições político-econômicas, que **torna-se impossível direcionar o ódio político a um inimigo que represente a fonte da violência iminente.** Com ainda mais efeito essa distância se verificará entre as ações individuais e sistêmicas que contribuem para a crise climática, e as múltiplas violências às quais já estamos submetidos em consequência dela. Nomear um inimigo torna-se cada vez mais difícil. Odiá-lo, cada vez mais inútil.

Isto, contudo, não significa que o ódio não desempenhará papel algum na próxima guerra: visto que ele será considerado **indispensável para a guerra psicológica, a produção de ódio irá, sem dúvida, ser organizada.** De modo a alimentar o que uma era pervertida chama de morale, objetos visíveis e identificáveis de ódio serão exi-

bidos, em situações de emergência, inventados – “judeus” de todos os tipos. Na medida em que o ódio só pode florescer se os objetos do ódio são visíveis e podem cair na mão de quem odeia, **será no cenário doméstico que se escolherão os bodes expiatórios.** Já que os alvos desse ódio artificialmente fabricado e o alvo dos ataques militares serão totalmente distintos, **a mentalidade da guerra se tornará de fato esquizofrênica.**

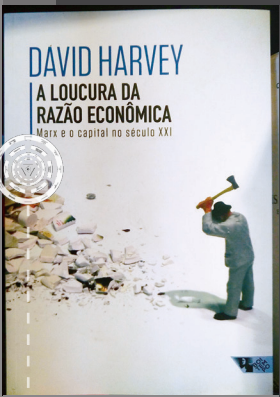
Poderemos com isso suspeitar uma íntima relação entre a reaparição inflamada dos discursos de ódio na política doméstica das “democracias” ocidentais contemporâneas, e o estado de sítio subjetivo no qual vive o indivíduo, **forçado à esquizofrenia pela consciência não nomeada** de sua própria ação cotidiana na construção do apocalipse civilizatório.

A **postura crítica radical** exigida pela Era Atômica, segundo Anders, passaria por **lembrar a todo instante** a terrível verdade da auto-aniquilação, ocultada sistematicamente no âmbito do discurso global, e expurgada no âmbito doméstico através do ódio sistemático contra inimigos fabricados, configurando uma mentalidade da guerra esquizofrênica.

e o louco sou quem? a mentalidade esquizofrênica

O espanto com o qual nós, subjetividades empenhadas na ciência, encaramos hoje nossa própria impotência frente à realidade política e econômica sugere um esquecimento sobre a história recente da relação entre ciência e política. Lembrar a história dessa impotência não visa condenar as intenções humanistas por trás de nosso espanto individual, mas fortalecer, através da consciência crítica do passado coletivo, as bases do empreendimento sem tamanhos que temos à nossa frente.

É parte fundamental do método científico a apreciação reiterada de experimentos frustrados. Se queremos abordar cientificamente a ascensão vertiginosa da irracionalidade frente a catástrofes anunciadas de nossa própria autoria, em busca de uma práxis capaz de atuar na transformação radical de nós mesmos, devemos observar sem receio as formas reiteradas através das quais a ciência foi sumariamente ignorada em tentativas anteriores de mesma natureza.



A Loucura da Razão Econômica [David Harvey]

- O que é vida? [Erwin Schrödinger]
- A Estrutura das Revoluções Científicas [Thomas Kuhn]
- A ideia dos Soviéticos [Pano Vassilev]
- A Hipótese Comunista [Alain Badiou]
- Incêndio: Trabalho e revolta no fim de linha brasileiro [um grupo de militantes na neblina]
- A Invenção da Natureza [Andrea Wulf]
- Sapiens: Uma breve história da Humanidade [Yuval Noah Harari]
- O Processo Civilizatório [Darcy Ribeiro]



É justamente esse processo que nos interessa: a ocultação, pela consciência, de enunciados que problematizam sua ideia de realidade. Anders abordará brevemente esse tema, ainda em suas teses sobre a Era Atômica:

Enquanto anteriormente sempre foi o objetivo da camuflagem evitar que a futura vítima reconhecesse o perigo, ou proteger o agente do inimigo, agora a camuflagem pretende **evitar que o próprio agente reconheça o que está fazendo.**

06.

grifo nosso

Uma vez tomada a consciência da terrível dimensão histórica de nossas ações individuais na sociedade que construímos, nos deparamos com mecanismos que parecem deliberadamente trabalhar contra a efetivação dessa consciência em transformação da ação coletiva. Uma força social que parece atuar no sentido da ocultação e da negação, agindo em prol da manutenção e continuidade do funcionamento que se buscava problematizar.

Qual seria a forma e a natureza dessas forças de ocultação? Seriam imposições da classe dominante e do sistema de comunicação de massas sobre a consciência de indivíduos ludibriados pelas mãos invisíveis da ideologia econômica? Como opera exatamente essa linguagem social dita esquizofrênica que emerge em resposta à realidade, formando regimes de verdade e constituindo poder político no campo social? Que relação têm esses regimes de verdade com qualquer tipo de Verdade factual, daquela com “V” maiúsculo que a filosofia ocidental por tanto tempo buscou como se buscasse o Santo Graal?

Tais perguntas nos aproximam dos pontos cegos do pensamento popular que hoje veste as armas da ciência em sua guerra santa. Também entre nossos objetivos estará o de aproximar das lutas do presente algumas das problematizações trazidas por diversas áreas da ciência acerca do conceito de verdade, a fim de enriquecer nosso olhar sobre os limites extremos de incomunicabilidade social com os quais hoje nos deparamos. **Formular, mesmo que parcialmente, uma visão em defesa da ciência que leve em conta uma multiplicidade de descobertas radicais que a própria ciência tem produzido em compartimentos isolados.**

Por ora, retornemos à ideia de uma “mentalidade esquizofrênica”, conforme proposta por Anders. Nossa intuição su-

gere aproximar tal mentalidade, identificada na alvorada da Era Atômica, das mentalidades em suposta negação que encontramos no presente.

Meio século depois da análise de Anders, podemos melhor elaborar o tema da esquizofrenia social, entendendo de forma dialética as condições históricas objetivas dos sujeitos, e a relação entre os regimes de verdade social aos quais escolhem se afiliar.

É o que faz o filósofo Rodrigo Nunes, em um artigo do livro Do Transe à Vertigem. Em “O Presente de uma Ilusão: Estamos em Negação sobre o Negacionismo?” o autor problematiza o fenômeno que tem-se chamado de negacionismo frente à pandemia da Covid-19 no Brasil.

(...) a mensagem da extrema direita só é convincente porque **grande número de pessoas acredita que há, de fato, algo profundamente errado com o sistema político e econômico atual.**

08.

grifo nosso

Segue daí a hipótese de que o “negacionismo” contemporâneo estaria relacionado à ausência de certos problemas profundos nas formulações do discurso dito científico. Tal abordagem sugere uma retomada pelo avesso do mesmo tema da ocultação. Mas dessa vez, **seriam os difusores de fake news e negacionistas da ciência a denunciar, mesmo que inconscientemente, uma ocultação sistemática de verdades.** Que verdades seriam essas?

A gestão política da pandemia em território brasileiro escancara algumas delas. À exceção de uma pequena parcela da classe média, a grande maioria da população não teria como conciliar objetivamente as sugestões da ciência e as imposições práticas do trabalho.

Era inclusive fundamental que uma grande massa de trabalhadores, empregados e subempregados de toda ordem, arriscasse cotidianamente suas vidas, para que aquela outra parcela pudesse conduzir os protocolos de isolamento que uma forma de “autoconsciência científica” julgava imprescindíveis.

(...) para muitos eleitores pobres que passaram a aprovar seu governo, **a opção colocada por Bolsonaro entre escolher a vida ou a economia correspondia objetivamente à verdade.**

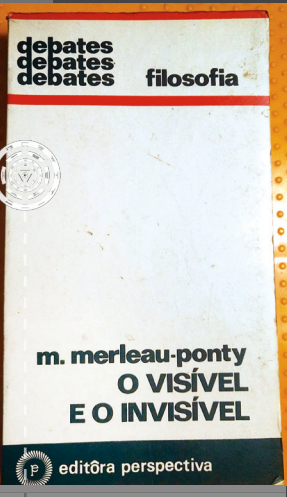
08.

grifo nosso

“ filósofo brasileiro ”

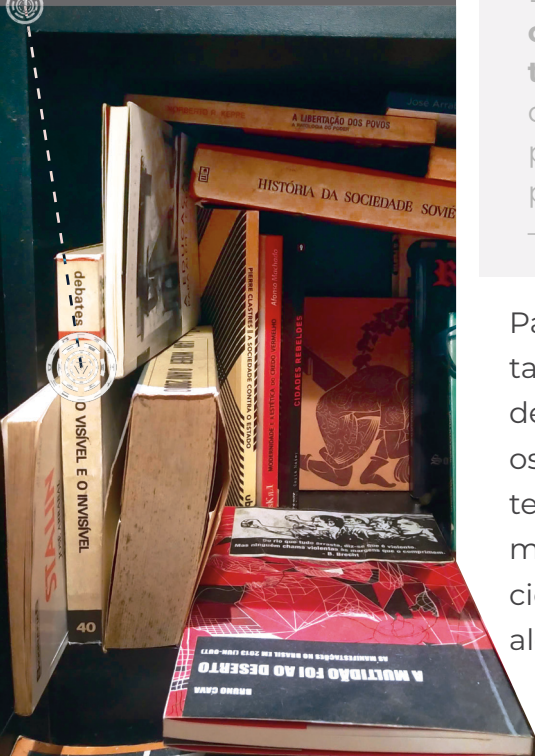
08.

— — — **Rodrigo Nunes**
em
O Presente de uma Ilusão



O Visível e o Invisível [Merleau Ponty]

- Stalin
[José Arrabal]
- Educação para Além do Capital
[István Mészáros]
- A Libertação dos Povos
[Norberto R. Keppe]
- História da Sociedade Soviética
[??]
- O Ano 2000
[Herman Kahn e Anthony Wiener]
- A Multidão foi ao Deserto: As Manifestações no Brasil em 2013
[Bruno Cava]
- Cidades Rebeldes: Passe Livre e as Manifestações que tomaram as ruas do Brasil
[Vários Autores]
- Modernidade e a Estética do Credo Vermelho
[Afonso Machado]
- A Sociedade Contra o Estado
[Pierre Clastres]



O abismo social brasileiro revelaria as entranhas da esquizofrenia neocolonial nossa de cada dia.

A situação subjetiva real à qual estaria submetida a maior parte da população brasileira seria a de aceitar, tendo a própria vida em jogo, uma submissão irracional às lógicas inabaláveis da economia. Uma situação frente à qual o sensacionismo e os tratamentos milagrosos talvez apresentassem mais alento do que os protocolos objetivamente impossíveis sugeridos pela comunidade científica.

Poderemos apontar que a origem da irracionalidade ou do fanatismo religioso que hoje nos assusta não estaria revelada em uma camada de recusa racional à ciência, mas em **uma relação complexa entre o sujeito e as variadas camadas de poder e linguagem que o conformam à irracionalidade suicida do próprio sistema engendrado pela técnica científica.**

Mais que isso, seria necessário assumir que toda bravata midiática de uma classe média em nome da ciência carecia profundamente de empatia básica frente à terrível realidade social que mostrou-se inevitável: o acesso a direitos básicos no Brasil é uma situação de exceção intimamente ligada a privilégios históricos; dessa vez tratou-se do direito à preservação da própria vida.

Retomando o fenômeno do complexo sistema de ocultações de uma terrível verdade social proposto por Anders, tomamos de Nunes uma última provocação:

E, visto que a tentativa de **fugir à verdade sobre nossa condição atual é um dado afetivo decisivo de nosso tempo**, não é de surpreender que mesmo aqueles que desejam resistir à insanidade crescente e a um tipo de política que visa acelerá-la acabem enredados em suas próprias renegações. Nós também somos negacionistas – **em relação ao que mais não estaremos em negação?**

grifo nosso

08.

Partindo da sugestão de Anders da ascensão de uma “mentalidade de guerra esquizofrênica” frente às perspectivas de auto extinção da humanidade, e analisando friamente os limites de ação de nossa prática social no tempo presente, somos obrigados a intuir que falamos de dentro dessa mesma mentalidade. Não mais poderemos condenar o irracionalismo no outro, enquanto não estivermos munidos de algum instrumento capaz de nos colocar à altura do antído-

to proposto na sessão anterior: **Lembrar das terríveis verdades ocultas. Evitar o ódio contra inimigos fabricados.**

apocalipse de schrödinger canto do cisne ou ovo da fênix

Não é nossa intenção, com esse prólogo declaradamente apocalíptico, instigar ao pessimismo. Mas é nossa convicção que só lograremos oferecer respostas efetivas para o complexo dilema presente, quando conseguirmos encarar a largura e a profundidade do abismo de forma permanente e inegociável.

Como “seres da ciência”, parecemos imobilizados frente ao avanço do que viemos a chamar de negacionismo, acudados por legiões fantasmagóricas de fanáticos e obscurantismos medievais, que nos impelem a defender a “ciência” como quem se empenha em uma guerra de verdades religiosas. Tal comportamento nos soa anti-científico.

Nesse ponto não se trata de enxergar no anti-cientificismo uma recusa consciente a respostas supostamente racionais, mas de assumir que a ciência não tem sido capaz de produzir respostas satisfatórias para o irracionalismo civilizatório.

É urgente que nos apliquemos radicalmente ao espírito científico para vencermos a imobilidade: identificar o funcionamento desse comportamento social esquizofrênico, compreendendo no jogo de ocultações sistemáticas da linguagem os pontos cegos que de fato nos bloqueiam a possibilidade de ação histórica concreta. Veremos que estão por toda parte, desde o coração da matéria até as nuances subjetivas mais íntimas de nós mesmos.

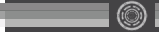
E precisamos urgentemente conseguir falar sobre isso.

Ferramentas teóricas e práticas que nos auxiliem nessa tarefa existem em diversos campos da atividade humana. Mas nenhuma delas, quando tomadas na radicalidade que propõem, nos permitirá ignorar a iminência da morte que se anuncia diante de nós.

Caminhamos sempre rumo a ela como indivíduos - e agora talvez como espécie.

Resta saber se morreremos presos a esse ciclo de eterno adiamento da autocrítica urgente de nossas entranhas.

1



O Gato de Schrödinger:

A mecânica quântica sugere que o gato estará simultaneamente vivo e morto.

Mas, quando se olha para dentro da caixa, apenas se vê o gato ou vivo ou morto, não uma mistura de vivo e morto.





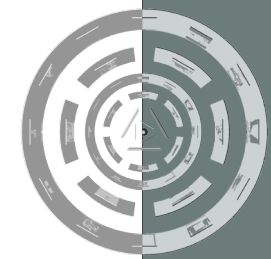
10 [mantra](mentos) para a Era Pós-Atômica começando do zero

0. Desfaça-se da ilusão de que vivemos em um mundo estável.
1. A possibilidade do apocalipse é obra NOSSA.
2. NÓS não sabemos o que estamos fazendo.
3. Nossa IMAGINAÇÃO individual não é capaz de vislumbrar a real dimensão de nossas AÇÕES coletivas.
4. Alargue sua capacidade de IMAGINAÇÃO.
5. Nossa concepção de TEMPO não compreende a extensão histórica de cada GESTO presente.
6. Alargue sua concepção de TEMPO.
7. Nossa capacidade de ter MEDO é pequena demais frente à magnitude do PERIGO atual.
8. Tenha coragem de ter M E D O.
9. NOSSO próprio fim é sim um problema NOSSO.

ou o que pensar todos os dias ao acordar



situ : **AÇÃO** :



grifo nosso

Há uma grande
desordem
sob o céu,
**a situação
é excelente.**

09.

“ líder da revolução chinesa ”

09.



Mao Zedong
citado por Slavoj Žižek em
Vivendo no Fim dos Tempos
[2010]





(in)[ex]trodução

uma breve história do EU

É importante iniciar o texto com demarcações claras: as linhas históricas, poéticas, políticas e filosóficas com as quais dialogamos desde muito tempo compreendem o desenvolvimento das teorias como indissociáveis das lutas concretas inscritas na realidade social. O momento no qual este trabalho é escrito, e talvez alguma maturidade acumulada de nosso olhar, não nos deixa ignorar a urgência declarada que se escancara diante de nós: prenúncios reiterados de colapso social, político, biológico e subjetivo.

O fluxo do texto teórico será devedor, portanto, de uma vontade permanente por formular respostas concretas aos dilemas civilizatórios que enfrentamos, buscando reconciliar as esferas do universal e do particular compreendendo a crise presente como um ponto de ruptura possível e necessário.

Reformulando: a reflexão que apresentamos tem menos pretensões de objetividade científica do que de mobilização política dos fazedores de ciência - não ignorando, contudo, um compromisso ético com as intuições apresentadas. É fruto de ao menos quinze anos de uma trajetória intelectual marcada pela inquietação e pela suspeita de que algo muito urgente e ainda inominável se apresentava ao pensamento crítico.

Essa suspeita nos impediu de construir uma experiência acadêmica tradicional, como se verá. A transdisciplinaridade esteve presente no percurso desde o ensino básico, bem como as perspectivas de catástrofe apontadas pelo aquecimento global. A necessidade de uma drástica mudança de rumo para o pensamento ocidental já vinha sendo anunciada desde que fomos levados por Chronos à necessidade de escolher uma [primeira] faculdade.

Fomos incapazes de encontrar lugar para nossas inquietações - teóricas e práticas - dentro dos compartimentos da instituição acadêmica - embora não tenhamos desistido de tentar sempre e de novo. A necessidade de discussões transversais a respeito do presente histórico - além de uma

sensação perene de desespero subjetivo - levou-nos à arte, mais especificamente ao teatro.

Se a primeira pessoa do plural está presente na construção desse texto inicial, isso se deve à vivência artística, afetiva, teórica e política de dez anos junto à Companhia Antropofágica, que nos permitiu compreender na carne a dimensão social do pensamento, e a necessidade de firmar alianças simbólicas na solitária batalha das ideias.

A prática pessoal da pluralidade de técnicas teatrais apresentou-se como experimento empírico concreto para a transposição radical postulada para a consciência: da mente ao corpo; da teoria à prática; da observação à ação. A prática artística coletiva nos ofereceu o solo fértil para manter viva a pesquisa que aqui buscamos sintetizar.

Encontramos nas rupturas artísticas radicais da modernidade um canto paralelo à multiplicidade de dilemas de representação disparados pela ciência ocidental ao longo do século XX.

Encontramos no coletivo criador uma possibilidade ímpar de desenvolvimento subjetivo, uma trincheira de pertencimento e troca simbólico-afetiva em meio a um tecido social que se fragmentava com o rápido desenvolvimento da rede mundial de computadores.

Encontramos também a luta política, trazendo o termo para o chão concreto e desmistificando radicalmente a esfera política como inseparável da vida.

O campo de liberdade intelectual ali encontrado coexistiu com uma relação sempre intermitente com a academia, através da breve passagem por diferentes cursos de graduação: física, história, letras, ciência da computação, matemática e, enfim, artes visuais.

As práticas artísticas radicais estudadas e experienciadas no teatro pareciam ilustrar a mesma crise de representação que por toda parte a ciência do XX parecia ter esbarrado. E no entanto esse tema aparentemente grave jamais apareceria nos semestres introdutórios dos templos do saber.

A formulação dessa questão - a crise de representação na ciência - fruiu conosco por vias diversas, normalmente em conversas informais, coletivas ou particulares, públicas ou privadas, com pesquisadores solitários. Tangenciamos a so-



Alto Retrato
Rafael Frederico
acrílico sobre tela [2015]

10. O termo “humanismo”, na realidade, nada mais significa que uma abdicação do homem. Para os mitos divinos, o homem é o igual da Natureza, que ele compreende sinteticamente; mas quando nasce o espírito analítico, o homem imagina penetrar a Natureza e dissecar seus segredos, exatamente como um cirurgião dissectiona um músculo ou separa os órgãos do corpo; de modo que, no mesmo instante, assim como o cirurgião cessa de estar à escuta do corpo, o homem perde seu contato com a Natureza, pois é apenas pelo instinto que podemos penetrar a alma da Natureza. Diga-se o que quiser contra o conhecimento instintivo, mas é ele que torna possíveis todas as grandes invenções humanas. É a imaginação sem limites do homem que em todos os tempos nutriu as civilizações.

Antonin Artaud ☉
Havana, 1936

lidão acadêmica de filósofos, matemáticos, psicólogos, músicos, professores de diversas áreas, ao mesmo tempo em que cultivamos a nossa própria, muitas vezes sem nem saber que o fazíamos, ou da dimensão que isso ocupava em nosso espírito.

A inflexão da trajetória teórica para dentro de um curso de Artes Visuais deve-se certamente ao papel central que as técnicas visuais adquiriram na vida prática e cotidiana. A urgência por consolidar uma apreensão teórica da forma contemporânea do espetáculo social e subjetivo nos leva a procurar a crítica radical nas complexas relações entre observador e imagem.

Essa última síntese nos permite trazer à cena ainda outra trajetória de pesquisa paralela: a filosofia budista - e seu instrumento empírico, a meditação - como ciência ancestral da subjetividade e do fenômeno do observador, que engendra ainda uma prática ética de alteridade e compaixão universal. Inevitável intuir a pertinência estratégica de tal combinação em meio à emergência acelerada de uma subjetividade civilizatória intoxicada por imagens de si mesma.

A soma dessas e outras trajetórias nos levam à identificação da prática pedagógica como ponto de atuação fundamental em sua capacidade de operar as transformações profundas que nos são exigidas enquanto sociedade. A radicalidade teórica e política deverá necessariamente ser acompanhada por uma radicalidade pedagógica, e esse talvez seja o principal ponto de convergência de todo o trabalho. A necessidade urgente de práticas pedagógicas emancipatórias - trincheira bastante conhecida na teoria e amplamente defendida na retórica acadêmica, cuja prática, no entanto, segue sendo um desafio que exige de nós, professores, a constante reinvenção.

O tom fragmentário será, por certo, inevitável, dada a fragmentação de nossa própria subjetividade - e o tempo sempre escasso que nos impõe a sociedade do cansaço. Cabe, portanto, aproveitar esse momento introdutório para grifar algumas das inquietações que permearam o desenvolvimento de nossa pesquisa:



Quais forças sociais, históricas e psicológicas determinam a atual impotência da comunidade científica em aplicar o conhecimento técnico na resolução de graves emergências coletivas?



Que respostas a ciência pode oferecer à chamada Era da Pós Verdade, na qual vemos ascender ao prosclênio tipos diversos de negacionismos, obscurantismos e ideologias políticas totalitárias?



Qual papel um Instituto de Artes pode exercer na construção de um conhecimento que contribua para a resolução dos desafios concretos e urgentes impostos às gerações presentes?

À nossa própria insegurança por estarmos abrindo, aqui e desde sempre, um passo declaradamente mais largo que as pernas, respondemos que nada fizemos senão levar [muito] a sério o que já sugeria-se - na escola, na família e nos jornais - desde a virada do século: é preciso reinventar radicalmente nossa forma de estar no mundo enquanto indivíduo e sociedade, sob o risco da extinção de ambos.

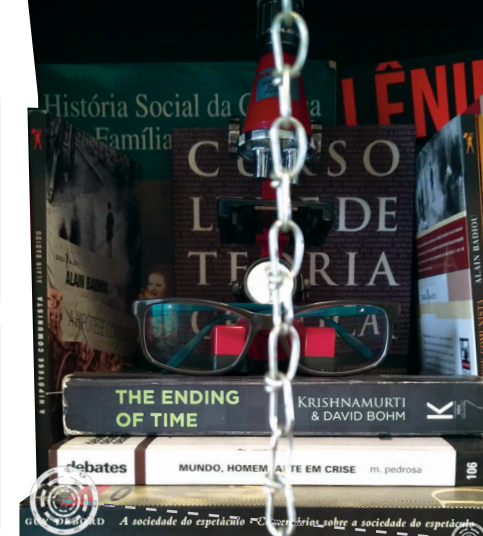
Encerro essa apresentação trazendo o discurso abruptamente à primeira pessoa do singular. Enquadrado pelo prólogo apocalíptico do presente e sufocado pela angústia da esquizofrenia social civilizatória, sinto desde o início de minha trajetória científica consciente que o objeto mais urgente à investigação científica seja essa tal primeira pessoa do singular: o EU.

NÓS poderemos descrever longamente o jogo de espelhos da linguagem através da retórica coletiva, mas a dura verdade é que o ponto pulsante onde tal linguagem se perpetua incessantemente mora bem mais perto do peito, e escapa à própria estrutura dualista da representação científica. O EU só pode ser observado em primeira pessoa.

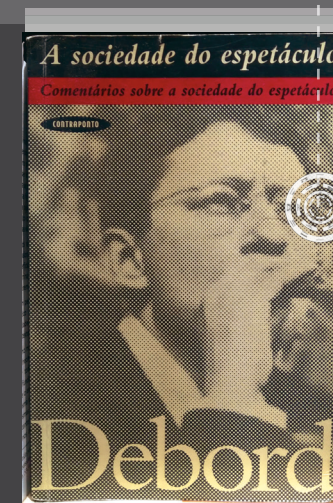
Na próxima sessão apresentarei os diferentes planos da pesquisa que empreendi paralelamente nessa busca por uma prática combinada - e defendo que científica - de investigação e transformação radicais do fenômeno do EU - sustentando o próprio em estado permanente de sobreposição: instrumento de medida, objeto de análise e corpo teórico-prático de sua própria mutação constante.



- Crítica do Espectáculo [Gabriel Zacarias]
- A Pedagogia do Espectador [Flávio Desgranges]
- O Ato Criador [Marcel Duchamp]
- Do Sonho às coisas: Retratos Subversivos [J.C. Mariátegui]
- Muito Além da Capa [Caderno de Opiniões Literárias]



- (2x) A Hipótese Comunista [Alain Badiou]
- História Social da Criança e da Família [Philippe Ariès]
- Curso Livre de Teoria Crítica [org. Marcos Nobre]
- The Ending of Time [J. Krishnamurti & David Bohm]
- Mundo, Homem, Arte em Crise [Mário Pedrosa]
- A Sociedade do Espectáculo [Guy Debord]





Baixo Retrato
Rafael Frederico
acrílica sobre tela [2015]

* Plano:

(...)

6. representação em projeto horizontal de uma construção, um conjunto de construções, um jardim etc. «plano do prédio»

7. esboço ou desenho de uma obra qualquer

8. projeto elaborado que comporta uma série de operações ou meios e que se destina a uma determinada finalidade; programa «plano de fuga»

(...)

13. nível de existência, de conhecimento, de desenvolvimento «plano intelectual»

(...)

16. modo como foi enquadrado o conteúdo de uma fotografia

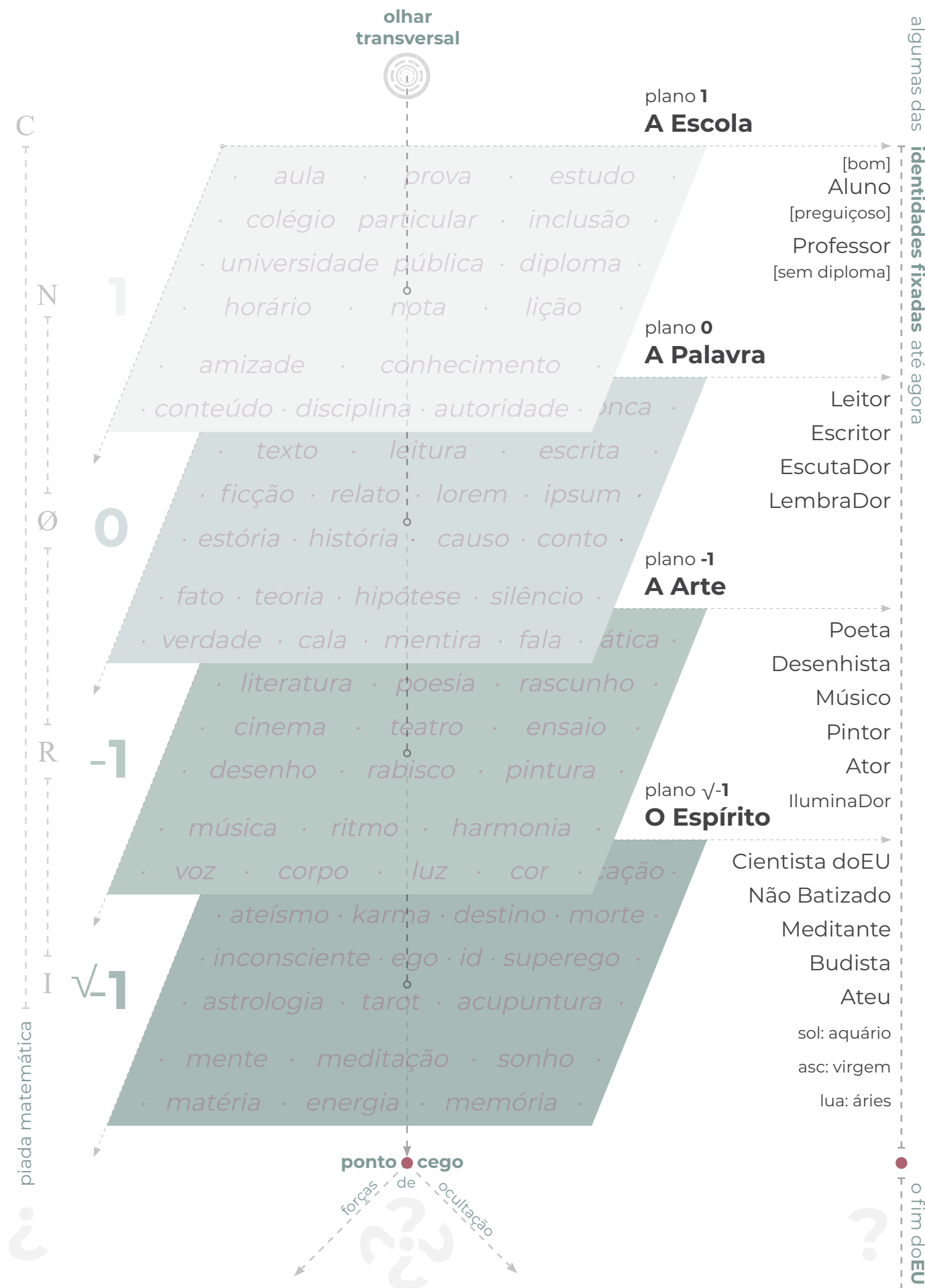
do Dicionário Houaiss

plano*(s) coletivo(s) [sem](com)clusão de múltiplos cursos

O EU, nos cursos que traça pelo mundo, é atravessado por **infinitos planos coletivos**. A definição exata de um plano coletivo é tema em aberto, mas podemos intuir sua existência. É também possível afirmar que o EU, por vezes, manifesta-se em tais planos através da **fixação de identidades**.

Para ilustrar esse movimento com nossa própria trajetória, utilizaremos o diagrama da página ao lado, que, segundo conta a escola da semiótica popular, por ser imagem, vale mais do que mil palavras.

É fundamental frisar que os planos específicos aqui apresentados são um reflexo da opção narrativa tomada para este trabalho e não pretendem esboçar nenhum tipo de sistema universal para a experiência humana. Outros planos igualmente válidos poderiam ser incluídos (e.g **A Família, O Trabalho, O Amor**) e certamente apontariam novas camadas e rumos a este relato. Mas por ora, e para evitar o infinito analítico, este conjunto basta para nos identificar perante o público.



o fim da história (da arte) capitalismo e colapso ambiental

Essa sessão oferece uma resposta simples para a pergunta: **porque trazer toda essa questão pra dentro de uma faculdade de Artes?**

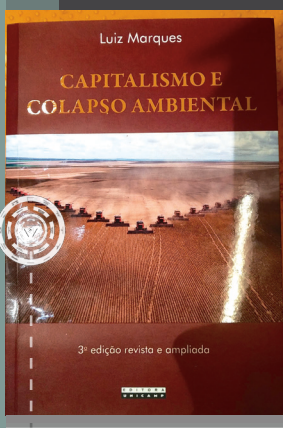
Que entre em cena a figura de Luiz Marques. Doutor de História da Arte, Livre Docente do Departamento de História na Unicamp, descrito pela Wikipedia como um dos maiores historiadores da arte renascentista e medieval, curador chefe do MASP no fim da década de 90, professor com carreira acadêmica consolidada e pesquisa de alcance internacional.

Depois de 2014 o verbete deixa de ser atualizado.

Marques dá uma guinada abrupta em sua produção acadêmica: passa a realizar um trabalho incessante de articulação e divulgação científica acerca do tema do colapso ambiental. Em 2015 lança o livro *Capitalismo e Colapso Ambiental*, um extenso apanhado de dados, relatórios e previsões que seguiriam sendo atualizados nas reedições do livro em 2016 e 2018.

Quando perguntado sobre o motivo de uma mudança tão radical em sua produção intelectual, responde: **“O que me impressiona é que mais gente não esteja fazendo isso.”**

Talvez **o despertador surrealista**, representado por Greta Thunberg na epígrafe de abertura do presente trabalho, esteja finalmente nos fazendo **suspeitar de algo acerca da natureza fabricada de nossa "realidade" social, e dos rumos aparentemente sombrios de nosso atual curso coletivo.**



Capitalismo e Colapso Ambiental [Luiz Marques]

- O Capitalismo como Religião [Walter Benjamin]
- O Marxismo Ocidental [Domenico Losurdo]
- A Revolução Burguesa no Brasil [Florestan Fernandes]
- Marx, Engels, Lenin [Florestan Fernandes]
- O Capital de Marx [Ben Fine e Alfredo Saad Filho]
- Lulismo Selvagem [Rogério Skylab]
- Marx Selvagem [Jean Tible]
- Marx Além de Marx [Antonio Negri]
- Althusser e o Materialismo Aleatório [Alysson Mascaro e Vittorio Morfino]
- Revista Continente Sur Sur [nº 5.]
- A Geografia das Lutas no Campo [Ariovaldo de Oliveira]



A reforçar esse **obstáculo cognitivo** ou **bloqueio mental** comum à quase totalidade do espectro ideológico, agem sobre as sociedades ao menos três **mecanismos psicológicos tendentes a dificultar uma tomada de consciência** da gravidade das crises ambientais e a fortiori uma ação política racional e proporcional à gravidade das crises

1. O primeiro deles é, como afirma George Marshall, a **“aversão à perda”**, o que significa em teoria da decisão a forte preferência psicológica por evitar perdas, mais que por adquirir ganhos. O problema das crises ambientais é a fórmula perfeita para a inação, mesmo entre aqueles que não negam a realidade dessas crises. (...)

A ação imediata supõe aceitar perdas aqui e agora: investimentos de monta, renúncia aos combustíveis fósseis e a tudo o que proporcionam, além de outros sacrifícios individuais e coletivos em nosso estilo de vida, concretos e quantificáveis. No outro prato da balança, os custos futuros menores prometidos por esses investimentos, por essas renúncias e por esse sacrifícios são abstratos, futuros e não tão precisamente quantificáveis. É fácil entender, nesse contexto, a ineficiência dos apelos da comunidade científica a uma vigorosa e imediata reação a essas crises, e **o relativo sucesso dos negacionistas** e dos “mercadores de dúvida”, já que **sua retórica reforça o que todos desejam ouvir.**

2. O segundo mecanismo psicológico em ação é o processo de **habituação**, uma forma de comportamento adaptativo que consiste em uma diminuição da resposta a um estímulo repetido, mas sem consequência imediata. A fábula do lobo que nunca chega ilustra bem esse processo. A reiteração dos prognósticos científicos sobre o agravamento das crises ambientais tende a impactar decrescentemente as consciências já que tais crises não se manifestam na forma de um perigo (...)

A repetição de alertas não seguidos de consequências imediatas leva a **uma perda progressiva da noção de perigo ou da energia para reagir a ele.**

3. O terceiro mecanismo psicológico a reforçar o bloqueio cognitivo é o da **dissociação entre causas estruturais e efeitos pontuais**. A dificuldade de reconhecer o lobo permanece, **mesmo quando os sinais inequívocos de sua chegada se multiplicam.**

grifo nosso

historiador da arte e ambientalista brasileiro

Luiz Marques

na Introdução de
Capitalismo e Colapso Ambiental
(2015)



Viver de REviver eternamente
o fim dos tempos,

é notar ao cabo de qualquer
esforço

que o princípio do fim
já se havia anunciado

logo antes do início.

E ainda assim seguir anunciando
e reerguen-do pó

renovas estruturas condenadas
de nascença

Sem saber com qual escombro
atingiremos
massa crítica
que levante o
grão limite da
poeira

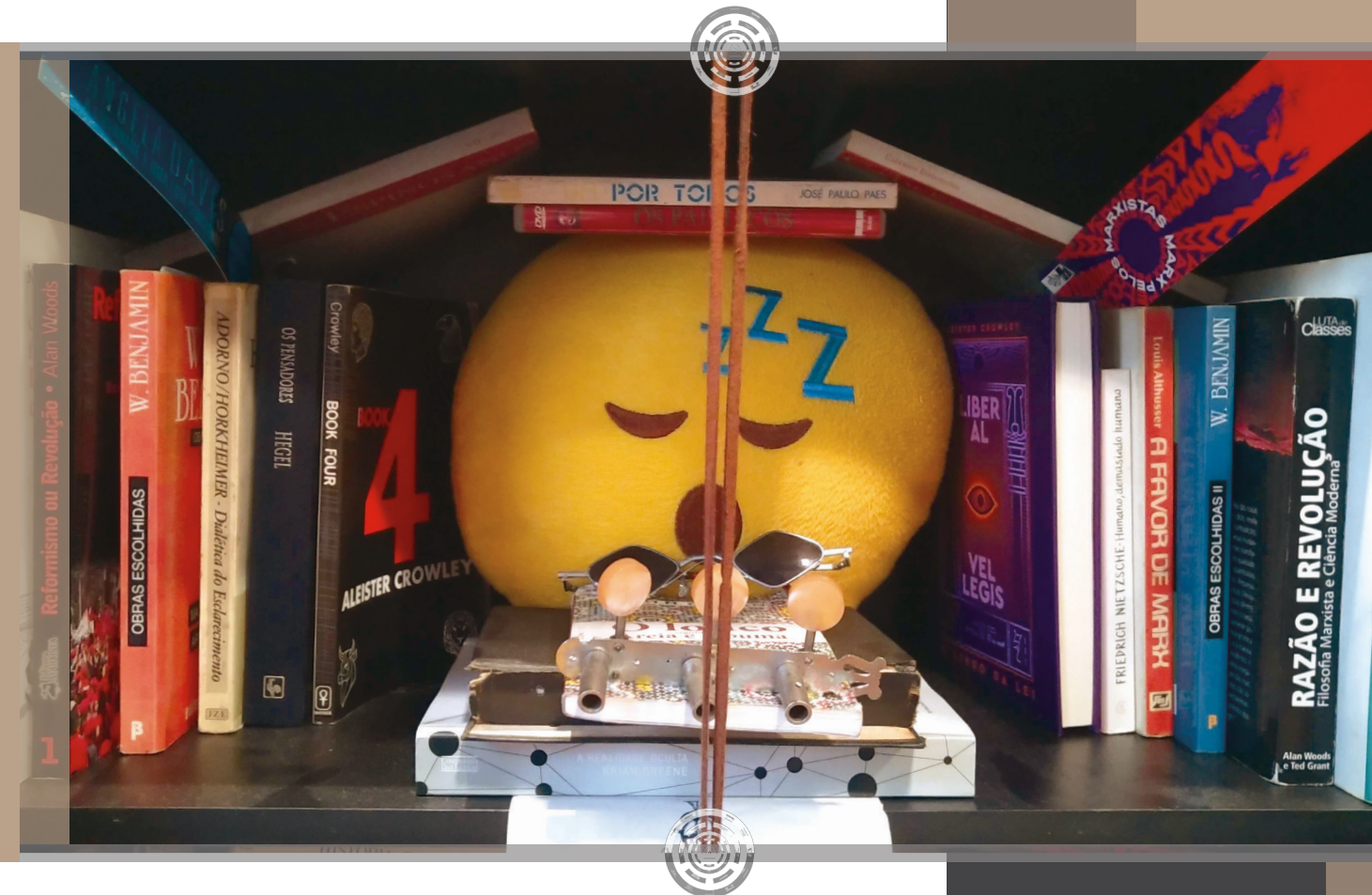
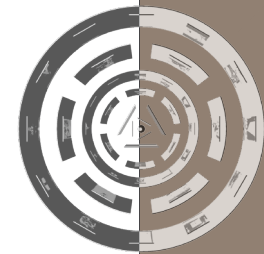
aquele que faltava

ao

Colapso => Ignição!



ide : **AÇÃO** :



grifo nosso

Em segundo lugar, creio que a crise não é propriamente da educação e sim que a crise é da sociedade toda, é a crise do sistema socioeconômico no qual estamos inseridos que necessariamente se reflete na educação. Da minha parte **não tenho dúvida de que a confrontação não é pedagógica e sim política.**

educador e filósofo brasileiro

Paulo Freire

em
Pedagogia do Compromisso
(1996)

12.





ide : **AÇÃO** :



1 3

pontos no plano:

- Considere **um ponto em cada plano coletivo** apresentado;
- A partir desse ponto, explore o plano em questão;
- A fim de rondar o maior espectro de sentidos no plano escolhido e evitar projeções lineares, recomenda-se iniciar com uma **trajetória espiralada**, conforme o exemplo:



- Em seguida, adicione novos **pontos de referência** para ampliar o escopo. São permitidos:



pontos de partida:

Tópicos a desenvolver na linguagem oral. Partindo deles pode-se cruzar outros planos.



pontos emprestados:

Citações tomadas de terceiros, contribuem na aproximação entre vozes, timbres e texturas.



pontos auto-gerados:

Reciclagem de material textual do próprio praticante. Devem conter doses de retrabalho.

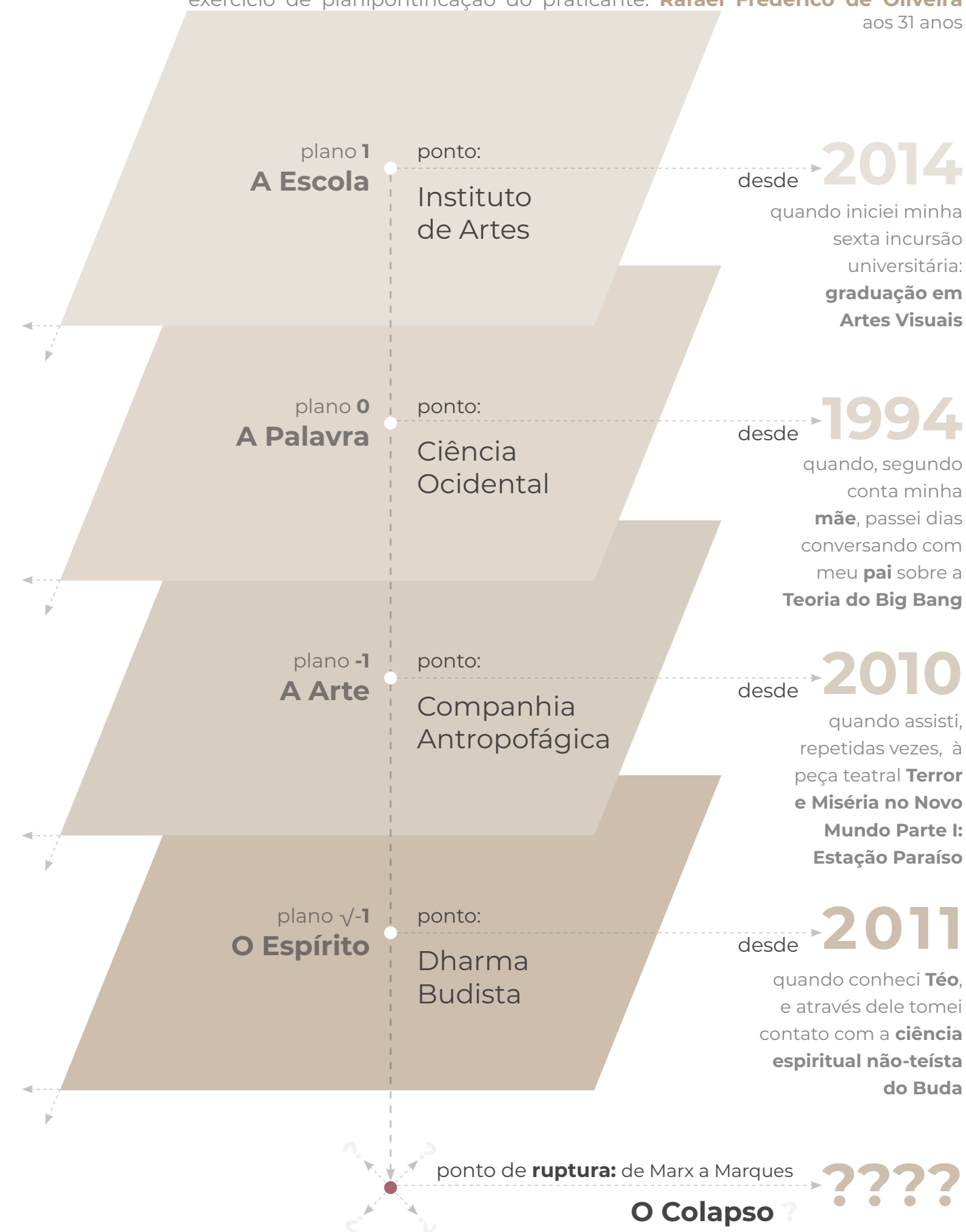
13.

E sem dúvida o nosso tempo... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser... Ele considera que a *ilusão* é sagrada, e a *verdade* é profana. E mais: a seus olhos o sagrado aumenta à medida que a verdade decresce e a ilusão cresce, a tal ponto que, para ele, o *cúmulo da ilusão* fica sendo o *cúmulo do sagrado*.

— — **Ludwig Feuerbach**
prefácio à 2ª edição de
A Essência do Cristianismo
(1843)

- Finalize trazendo à tona um **ponto de ruptura**, que **desmanche no ar a aparente solidez da ordem estabelecida**.

exercício de planipontificação do praticante: **Rafael Frederico de Oliveira**
aos 31 anos





03

pontos de partida:

- Redefor UNESP (Formação de Professores)**
O papel da arte na opção pelo Magistério.
Luíza Christov
- Licenciatura no Instituto de Artes**
Paulo Freire
[Pedagogia do Compromisso]
Bell Hooks
[Ensinando a Transgredir]
Imanol Aguirre
[Pedagogia Cultural]
Rejane e Rita
- A formação para além da academia:**
“Onde você estava?”
[Heutagogia + Andragogia]
Pelópidas



grifo nosso

grifo nosso

Paulo Freire e o monge budista vietnamita Thich Nhat Hanh são dois "professores" cuja obra me tocou profundamente.

(...)

Em sua obra, Thich Nhat Hanh sempre compara o professor a um médico ou curador. Sua abordagem, como a de Freire, pede que os alunos sejam participantes ativos, liguem a consciência à prática. Enquanto Freire se ocupa sobretudo da mente, Thich Nhat Hanh apresenta uma maneira de pensar que põe em evidência a integridade, **uma união de mente, corpo e espírito.**

(...)

Thich Nhat Hanh ressalta que a **"prática do curador, do terapeuta, do professor ou de qualquer profissional da assistência deve ser dirigida primeiro a ele mesmo. Se a pessoa que ajuda estiver infeliz, não poderá ajudar muita gente."**

(...) podemos concluir que **a atitude irônica** supõe:

- utilizar a ironia como instrumento para avançar na pretensão de saber ou compreender, excluindo a ideia de “conhecer a verdade”;
- praticar, conscientemente, a dúvida e a descrença;
- para o ironista, as descrições do mundo estão intermediadas por uma dinâmica de jogos de linguagem;
- seu método de ação assemelha-se com o jogo e tem seus fundamentos no exercício da liberdade e da tensão entre antagônicos;
- ser corrosivo com o dogma;
- manter uma cética distância, relativamente, ao próprio discurso e ao meio no qual ele se produz;
- a ação do ironista pertence ao âmbito da ação individual. Mas, na medida em que é capaz de propiciar a renovação de léxicos, sua ação transcende o âmbito geral. Este é o eixo da sua ação pública.

(...)

Em resumo, **aposto na inclusão de um ironista na escola.**



14.

educadora, filósofa, escritora e ativista **norte-americana**

-----● Bell Hooks

Pedagogia Engajada
em Ensinando a Transgredir
(1994)

”

15.

educador e pesquisador em arte-educação **espanhol**

-----● Imanol Aguirre

Imaginando um futuro para a educação artística
em Educação da Cultura Visual: Narrativas de Ensino e Pesquisa
(2009)

”



Comentário do texto
Psicologia Pedagógica de Vigotsky
disciplina:
Psicologia da Educação
[2016]



Ensaio Político-Filosófico
disciplina:
Sociedade Estado e Educação
[2016]



O Correto Científico
disciplina:
Antroposemiofagiologia
[2016]

16.

Lev Vigotski

em **A Educação Estética**
[1926]

“ psicólogo soviético ”

Para começar, qualquer debate consequente sobre educação não pode ignorar o imenso poder "pedagógico" de todas as esferas da vida coletiva externas ao âmbito escolar, através das quais o indivíduo internaliza boa parte das normas de conduta que o moldam enquanto ser social. É a somatória das relações sociais de um indivíduo e a forma como lhe são apresentadas, que determina sua formação integral enquanto participante ativo de uma coletividade, delimitando seu campo de ação, suas posturas políticas, seus planos de carreira, suas leituras de mundo, conceitos e preconceitos.

A capacidade de desprender a essência das relações sociais veladas por trás das formas simbólicas talvez seja o primeiro passo para qualquer pedagogia emancipadora. Nesse sentido, recuperamos de Vigotski o conceito de Educação Estética.

(...) até bem recentemente **a questão da cultura das percepções artísticas** continuou sendo a menos elaborada, porque os pedagogos **nem suspeitavam de toda a sua complexidade e nem imaginavam que era aí que estava o problema.**

16.

grifo nosso

Com o advento da indústria cultural, as relações de difusão social de signos tomaram proporções nunca antes imaginadas, e hoje muitos pensadores se dedicam à tarefa de desvendar os mecanismos formativos e pedagógicos dessa máquina simbólica dantesca.

O indivíduo da modernidade se vê inundado por um fluxo contínuo de fotografias adulteradas de sua realidade coletiva e arrisca tornar-se o replicador passivo de um imaginário chapado, definido, em última instância, pelas dinâmicas de mercado às quais está sujeito o fluxo estético da indústria cultural.

Todavia, ao internalizar **as onipresentes pressões externas**, eles devem adotar as perspectivas globais da sociedade mercantilizada **como inquestionáveis limites individuais a suas aspirações pessoais.** Apenas a mais consciente das ações coletivas poderá livrá-los dessa grave e paralisante situação.

17.

grifo nosso

17.

István Mészáros

em **A Educação para Além do Capital** [1994]

“ filósofo húngaro ”



As ciências humanas, se algo conseguiram provar de irrefutável, é que a moral da história varia de ontem para amanhã, e muito pouco se relaciona com qualquer fenômeno que não a distribuição social da Fome! A fronteira moral civilizada que nos foi introjetada é na verdade um rabisco esboçado, acúmulo de estratégias de sobrevivência coletiva da espécie. Guias biolinguísticos comportamentais que se engalfinham num racha semiótico geracional, a bronca, a palmatória, a aula, a poesia, a guerra, a putaria, a Fome! a Fome! a Fome!

E fomos nos matando e declarando certos e errados pra ver quais deles produziam mais comida.

Se é através de conjuntos de símbolos sociais internalizados por meio da cultura que o indivíduo se educa enquanto ser social, a decodificação das manifestações estéticas que nos formam talvez seja das capacidades mais fundamentais para uma Educação que se queira como o gesto proposto por Meszáros: a mais consciente das ações coletivas.

Nesse sentido, podemos voltar nosso olhar para a própria instituição escolar em suas variadas formas. A sociabilidade entre os educandos é inevitavelmente mediada por sistemas simbólicos dos mais diversos, advindos da família, da igreja, do futebol e das mil janelas abertas em cada aparelho celular escondido debaixo da carteira. Um entrecruzamento constante de planos coletivos externos à escola que muitas vezes relega à impotência os esforços pedagógicos do professor.

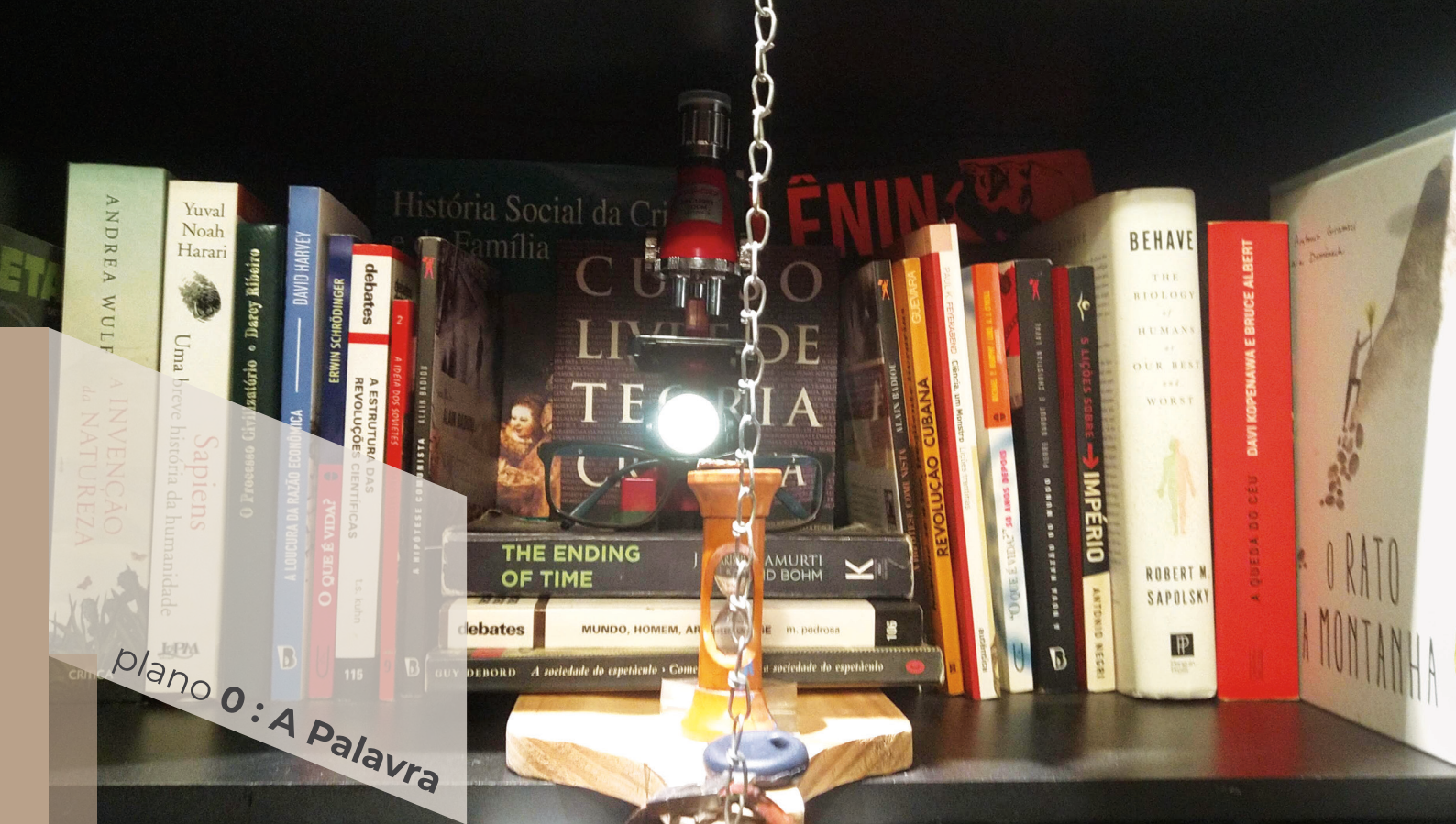
Uma vez compreendido esse ponto, abriremos as portas de uma luta muito mais ampla em nome da Educação (tentando devolver-lhe a maiúscula), que nos obrigará a redobrar esforços e estendê-los para muito além da sala de aula. Uma luta que, apesar de árdua, talvez seja capaz de recuperar a perspectiva histórica da atuação pedagógica cotidiana. Sem isso, seguiremos condenando nossos professores, massacrados pela sensação diária de impotência, aos anti-depressivos e às licenças psiquiátricas.

18.

Se viene a la tierra como
cera, – y el azar nos vacía
en moldes prehechos.
Las convenciones
creadas deforman la
existencia verdadera
(...)
Las redenciones han
venido siendo formales;
- es necesario que ean
esenciales.
(...)
La libertad política
no estará asegurada,
mientras no se asegura la
libertad espiritual.
(...)
La escuela y el hogar
son las dos formidables
cárceles del hombre

José Martí
Havana, séc XIX

poeta, filósofo e ativista cubano



plano 0: A Palavra

3 3

ponto no plano 0: Ciência Ocidental

os limites de representação encontrados por diversas disciplinas ao longo do século XX.

Relação literária/poética com o conhecimento científico. O ponto em comum não declarado pela maioria das ciências: os limites de representação encontrados por diversas disciplinas ao longo do século XX. Relação literária/poética com o conhecimento científico. O ponto em comum não declarado pela maioria das ciências: os limites de representação encontrados por diversas disciplinas ao longo do século XX. Relação literária/poética com o conhecimento científico. O ponto em comum não declarado pela maioria das ciências: os limites de representação encontrados por diversas disciplinas ao longo do século XX.

A crise de representação na Ciência

as feridas narcísicas do pensamento ocidental

Ciência às margens da academia

Marx e a Tese 11

Breve trajetória Acadêmica

Física (2009)
História (2010)
Letras (2011)
Computação (2012)
Matemática (2013)
Artes Visuais (2014-2022)
Ponto Cego: Psicologia

Ausência de uma teoria satisfatória do EU

Limite da dualidade
Observador x Objeto

Há uma coisa chamada "ciência". Ela diz tratar dos detalhes e da estrutura geral do mundo. Tenta explicar como a matéria surgiu, como e quando a vida surgiu no mundo e de que maneira os seres humanos apareceram nele.

(...)

A ciência informa e produz, diz Monod. **Ela não apenas não trata de propósitos, como também afasta intencionalmente tudo o que, mesmo vagamente, poderia ter um propósito.** O resultado é que "quanto mais conhecemos sobre o universo, mais despropositado ele parece", como escreveu Steven Weinberg.

Vocês poderiam dizer que dar esperança e sentido não é tarefa da ciência, mas da religião. Tratemos então dessa área.

grifo nosso

“

19.

filósofo da ciência austríaco

Paul K. Feyerabend

na Primeira Conferência de
Ciência, um Monstro:
Lições Trentinas
(1992)

”

6. Feuerbach resolve a essência religiosa na essência humana. Mas, **a essência humana não é uma abstração inerente a cada indivíduo. Na sua realidade ela é o conjunto das relações sociais.**

(...)

8. A vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que seduzem a teoria para o misticismo encontram a sua solução racional na praxe humana e no compreender desta praxe.

(...)

11. Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo.

grifo nosso

“

20.

filósofo alemão

Karl Marx

Teses sobre Feuerbach
(1845)

”

Equipadas e equipados com o que de melhor foi produzido pela cultura humana desde que nossos ancestrais migravam pela África, há 315 mil anos, temos chance de alcançar uma sociedade digna da nova era. Mas **se falharmos em honrar nossos ancestrais com nossa máxima sabedoria, é quase certo que a nova era não será humana.**

Precisamos **despertar** depressa. Talvez a escolha ainda seja nossa.

grifo nosso

“

21.

neurocientista brasileiro

Sidarta Ribeiro

no prefácio de
Limiar
(2020)

”

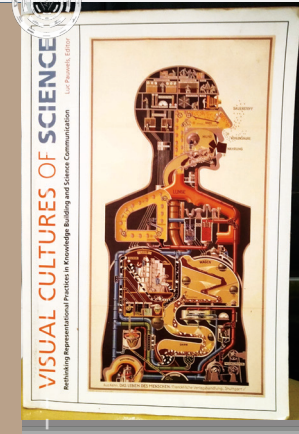


pontos
auto-gerados:

Projeto Índex
disciplina:
Metodologia de Pesquisa
[2014]

Comentário sobre o texto:
Psicologia uma (nova) Introdução
disciplina:
Psicologia da Educação
[2016]

Pela Filosofia!
disciplina:
Antroposemiofagiologia
[2016]



Visual Cultures of Science
[org. Luc Powels]
The Fractal Geometry of Nature
[Benoît Mandelbrot]
The Cloud of Unknowing
[Ira Pogroff]
Matéria e Energia
[George Gamow]
Teoria da Relatividade
Especial e Geral
[Albert Einstein]
The Color of Magic
[Terry Pratchett]



plano 0: A Palavra

Não citarei ninguém, ao menos como quereriam os teóricos *abeenetetistas*. Citarei Marx assim (ó): os filósofos se preocuparam em explicar o mundo de diversas maneiras, resta transformá-lo.

Todo movimento questionador, em seu ímpeto para o novo, mira sempre para outra humanidade possível. Pensadores imaginam, postulam, criam utopias e imagens de sociedades impossíveis para o seu tempo, e sobre esse ímpeto alçam vãos teóricos e práticos de enfrentamento ao Velho, encampando a bandeira de algum Novo.

Assim também nasceu a Ciência do Século das Luzes. Um corpo organizado de conhecimento racional e empírico, fundado na ideia de que a Razão, em oposição à mistificação católico-aristocrata medieval, seria a ferramenta para a emancipação do Homem. No intuito de emanciparem-se a si mesmos, inventaram essa nova mistificação: o sujeito observador, dotado de experiência subjetiva própria, capaz de apreender o mundo por si e não mais dependente de sistemas simbólicos externos que o enquadram em uma ordem superior intangível.

É no século XIX, no acirramento das tensões sociais em meio a um sistema industrial em rápida expansão, que escancararam-se as contradições entre o Homem postulado pelos filósofos e a Realidade concreta da subjetividade humana. Da fenda que aí se abre veremos nascer não só a Psicologia, mas também boa parte das Ciências Sociais. Campos do saber que orbitam com frequência os tantos pontos-cegos da ideologia científica: o abismo de representação do sujeito moderno; a ausência de uma teoria satisfatória do objeto humanidade; a fragilidade do pressuposto de que se possa realizar qualquer tipo de observação objetiva do mundo.

Mesmo diante de feridas profundas em seus alicerces conceituais, o método científico tornou-se uma máquina fortíssima de desenvolvimento técnico-social. Sobre todas as formas anteriores de compreender as forças da natureza, a Ciência reina inquestionável na corrida pela máxima “eficiência”.



Nosso esforço poético batizamos de Antroposemiofagiologia [o estudo das lógicas de devoração dos símbolos do homem pelo homem], um nome de intenção esdrúxula, que guarda no tamanho e complexidade pouco práticos uma intenção fundamental: que nunca jamais ninguém possa definir os limites da esfera dos estudos Antroposemiofagiológicos.

Uma vez compreendido o drástico papel do observador, até mesmo nas mais duras das ciências naturais, verificaremos que nenhuma pretensão de objetividade científica escapará aos tentáculos interpretativos da Antroposemiofagiologia.

Mas o caráter revolucionário e emancipador contido em seu mito fundador - filosofia humana, seiva viva que primeiro rompeu a casca da semente ideia para alcançar realização no plano concreto - essa seiva já não flui através dos vasos espiralados do tempo, nem alcança as distantes ramificações de seus infinitos galhos.

A subdivisão constante da máquina ciência através das gerações ou das hierarquias, contraparte da fragmentação subjetiva do sujeito moderno, pulveriza o projeto de humanidade almejado. Nesse movimento, a ciência não mais gera um vocabulário comum ao ser Humano, mas uma série de dialetos regionais, setorizados por áreas de especialização e planos de carreira. Descobrir maneiras de representar este complexo sistema de símbolos há de ser um ramo da Arte, especialmente quando essa participa do esforço científico.

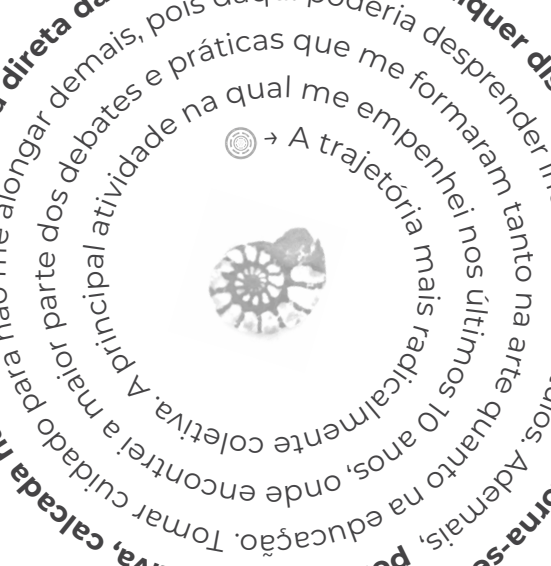
Antes que nossa Instituição Ciência sucumba sob seu próprio peso, ou que a sociedade que a sustenta entre em colapso, é urgente escavarmos esse edifício do saber, a fim de traduzirmos para uma língua comum o conhecimento monopolizado e submerso.

22.

O crítico é aquele que vislumbra a fatalidade das formas, cuja vivência mais intensa é aquele conteúdo da alma que as formas, indireta e inconscientemente, escondem em si mesmas. A forma é sua maior vivência, ela é, como realidade imediata, o que há de figurativo, de verdadeiramente vivo em seus escritos. Da força dessa vivência essa forma, originada de uma observação dos símbolos da vida, recebe uma vida própria. Ela se torna uma visão de mundo, um ponto de vista, uma tomada de posição diante da vida da qual ela se originou: uma possibilidade de transformá-la e recriá-la.

Georg Lukács
em **A Alma e as Formas** (1911)



- por ser voz coletiva, calçada na transmissão histórica direta da sabedoria da tribo, qualquer discurso em primeira pessoa torna-se arriscadíssimo.**
- A trajetória mais radicalmente coletiva. A principal atividade na qual me empenhei nos últimos 10 anos, onde encontrei a maior parte dos debates e práticas que me formaram tanto na arte quanto na educação. Ademais, não me alongar demais, pois daqui poderia desprender inúmeros capítulos.
- 

 grifo nesso

“

Carta de Desculpas
em Desterrados
UR EX DES MACHINE



pontos
auto-gerados:

plano -1: A Arte

● **A Traição da Matéria**
disciplina:
Mídia II
[2015]

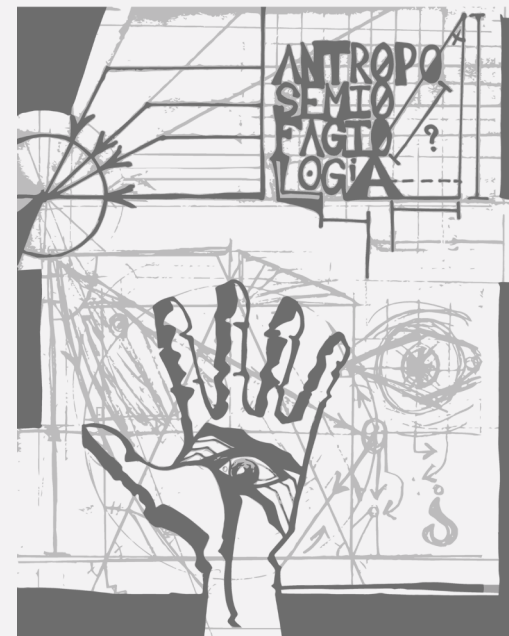
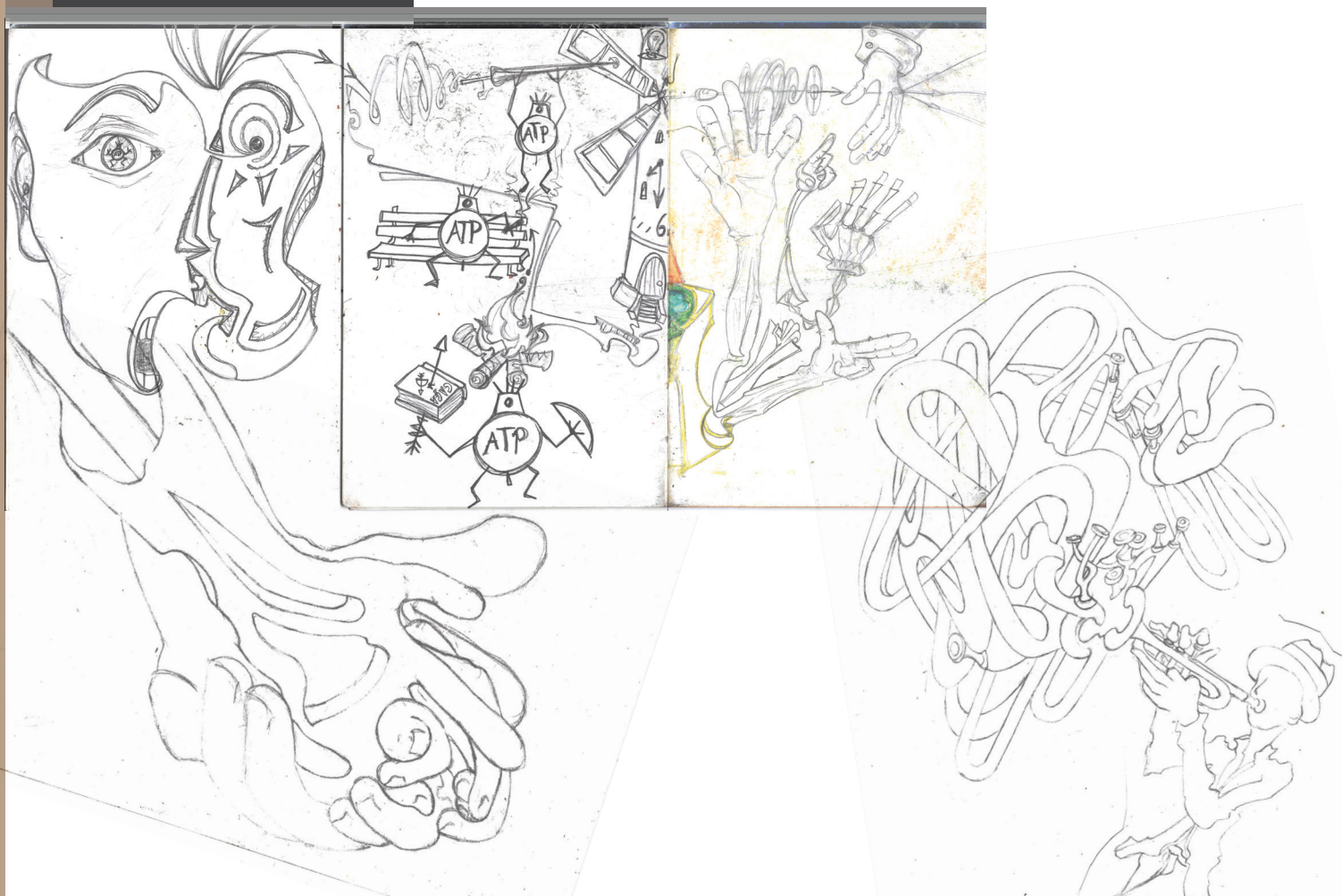
● **Emoção e Criatividade no Instituto de Artes**
disciplina:
Psicologia e Arte
[2015]

● **Arte: Ferramenta imprescindível à Pré-Ciência Humana**
disciplina:
Antroposemiofagiologia
[2016]

Em O Papel do Trabalho na Transformação do Símio em Homem, Engels propõe que a liberação da mão, usada para locomoção pelos símios mais próximos de nós, é fator determinante para o salto cognitivo do Homem. É através da coordenação de movimentos manuais cada vez mais delicados que o Homem desenvolve o trabalho e passa a criar ferramentas, ampliando sua atuação sobre o mundo e desenvolvendo com isso estruturas cada vez mais complexas de raciocínio, previsão e planejamento.

Uma vez que o Homem passa a desenvolver ferramentas mais refinadas, deixa de ver uma pedra como apenas uma pedra, tendo a partir daí a necessidade de diferenciar tipos de pedra mais ou menos úteis para a confecção de suas ferramentas. O desenvolvimento das técnicas manuais amplia assim todo o aparato sensorial humano, e com ele amplia também as estruturas de cognição.

Deriva daí que a técnica manual da pintura altera a forma de enxergar do pintor, como o exercício prático da música altera a forma de ouvir de um compositor. Dessa perspectiva, **a mão adquire um papel fundamental no desenvolvimento da consciência.**



A tarefa de criar uma instituição capaz de fomentar a arte segue inconclusa, e creio que não há solução ao enigma pelos meios da academia. Isso porque a academia é uma instituição da ciência, terra de Apolo. Dionísio não precisa da academia, passa muito bem sem ela, e pouco liga pros títulos de honra concedidos aos regimentos do irmão. Em verdade, é uma ciência moribunda que hoje necessita de Dionísio. É o batalhão apolíneo que já não mais encontra a Criação, e anda perdido em seu próprio labirinto de espelhos a mostrar apenas um mundo que parece já todo conhecido.

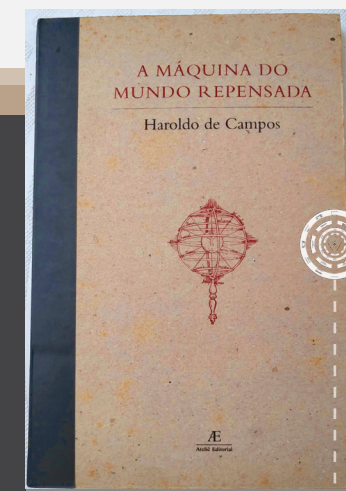
Mas o vinho cênico e as luzes de uma ribalta qualquer não são suficientes para comprar a ajuda do deus brincalhão, e ele se ri.

Ao olhar para as vanguardas do século XX, podemos reconhecer um movimento análogo, através do qual as técnicas artísticas forçam à consciência novos terrenos de representação. Dadaísmo, Surrealismo, Expressionismo exploravam nuances da subjetividade até então desconhecidas, ao mesmo tempo em que criavam formas de representá-las.

Pode-se dizer que o século XX inaugura uma ampla gama de afetos humanos, criando ao mesmo tempo a linguagem, as ferramentas e o tempo acelerado de elaboração desses mesmos afetos. A difusão cultural atingiu patamares inéditos em termos de velocidade e quantidade de conteúdo produzido, e todos os mapas que a ciência almejava esboçar já são capital genérico das novelas e blockbusters hollywoodianos. As aproximações da Psicologia, da Física, da Biologia, rapidamente se simplificam e se difundem pelo imaginário popular em versões mistificadoras.

Mas o mundo internetizado nos afasta de qualquer deslumbramento, universalizando a condição do espectador que, afogado por imagens terceirizadas, não mais compreende seu próprio poder como produtor da realidade. O olho, afogado, já não se lembra como dedilhar para além das teclas pré-fabricadas.

É tarefa da arte nos levar ao estágio de estranhamento, nos fazer voltar ao mundo como se o víssemos pela primeira vez. Esse espanto é pedagógico, político, relacional.



A Máquina do Mundo Repensada
[Haroldo de Campos]

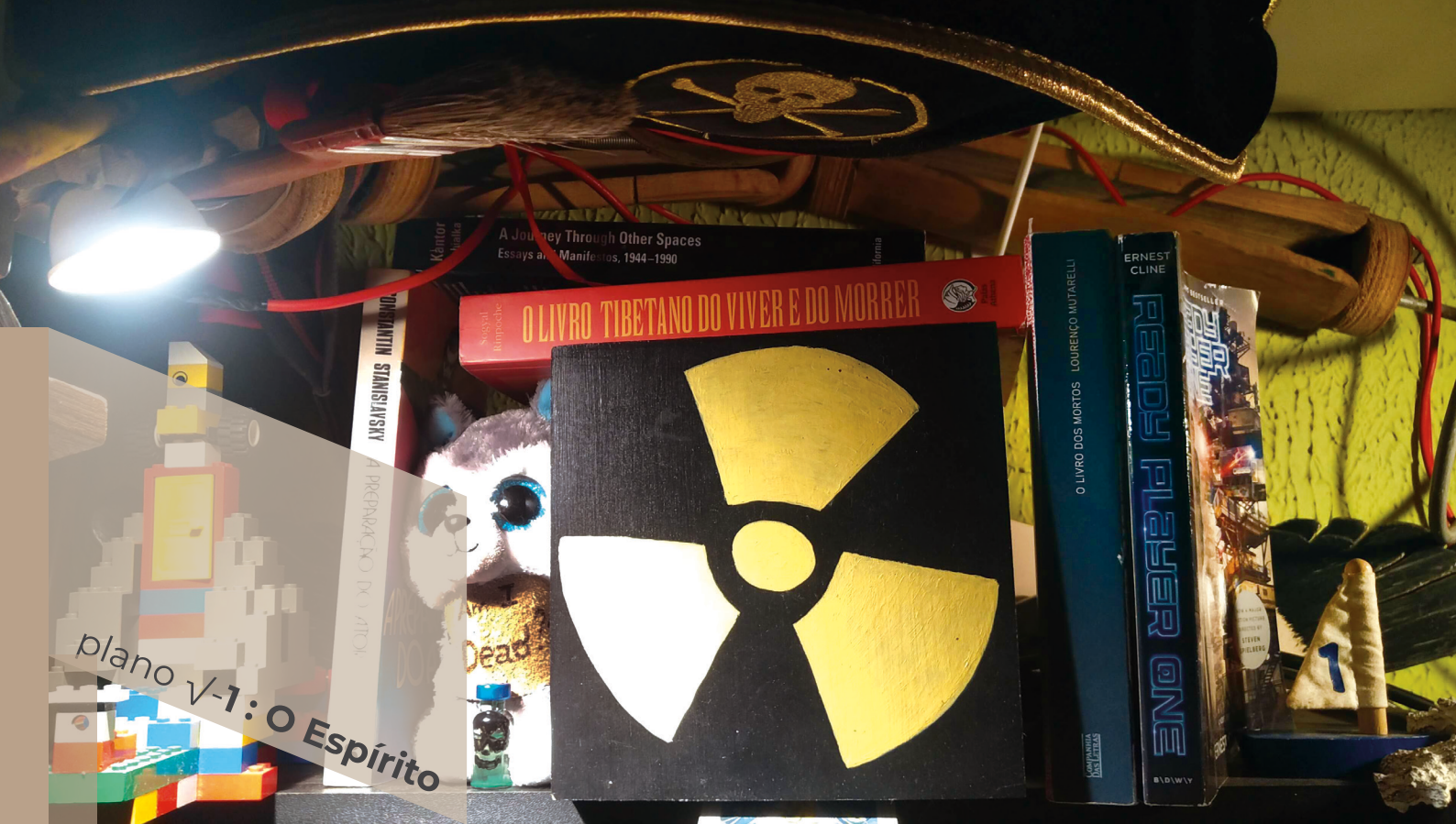
Caos: A Criação de uma Nova Ciência
[James Gleick]

Harmonia
[Arnold Schönberg]

Vkhutemas: O Futuro em Construção
[Catálogo de Exposição]

Uma Teoria de Tudo
[Ken Wilber]





plano $\sqrt{-1}$: O Espírito

3 1

ponto no plano $\sqrt{-1}$:
Dharma Budista

pontos
de partida:

- **Ciência ancestral da subjetividade**
Meditação como instrumento de medida: o EU em primeira pessoa
- **Prática espiritual da compaixão**
Inteligência emocional
- **Auto-pedagogia da transmutação do EU em NÓS**
Dissolução radical do EU
A Louca Sabedoria
- **Ética racional frente à inevitabilidade da morte**
Os votos do Bodhisatva
- **Auto-Engano**
Apego à Identidade fabricada como origem do sofrimento
- **Iluminação do Olhar**
Pedagogia Visual



grifo nosso

Um episódio de **despersonalização**, segundo estatísticas, 50% das pessoas já teve. (...) Eu tive por três meses isso.

(...)

Eu tava pesquisando no computador (...) e daí eu caí num negócio que era **O Jogo**. (...) **Se você sabe do Jogo, você perdeu, se você esquece, você ganha.** E eu pensei, cara, eu nunca mais vou esquecer desse negócio, eu vou entrar num loop eterno. (...) Me deu um ataque de pânico. (...) [e] um dos sintomas do ataque de pânico é a despersonalização. (...) As características são assim: você começa a sentir o mundo como se fosse uma visão embaçada, como se tivesse uma placa de acrílico entre você e o mundo. **Você olha, e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho.**

grifo nosso

O enigma consiste em meu corpo ser ao mesmo tempo vidente e visível. **Ele, que olha todas as coisas, pode também se olhar, e reconhecer no que vê então o outro lado de seu poder vidente.** Ele se vê vidente, ele se toca tocante, é visível e sensível para si mesmo. É um si, não por transparência, como o pensamento, (...) mas **um si por confusão, por narcisismo,** (...) que tem uma face e um dorso, um passado e um futuro...

grifo nosso

Então vocês poderiam olhar para trás e ver (...) as múltiplas faces que vocês já tiveram em várias vidas, como se tivesse passando uma sucessão de fotografias. (...) O que dá a sensação de continuidade nisso? A gente não é nenhuma daquelas faces, nem a atual. (...) Vocês não vão encontrar um rosto ali. Todos eles são construídos. O que vai nos dar a sensação de continuidade é o fato de que **há algo que está além dos rostos.** Esse algo que está além dos rostos não mudou em momento algum e é **justamente a capacidade de produzir rostos.**

(...)

Essa dimensão que traz a sensação de continuidade, que tem essa incessante presença, ela não entra em crise. No meio das crises ela vai também ser o processo que vai nos retirar da crise. Porque é dessa dimensão que vai vir outra identidade, ou vai brotar a capacidade de refletir sobre **a natureza que está além das identidades.**

pontos
emprestados:

“

psicólogo brasileiro

--- ● Jean Alessandro

em entrevista ao
PodCast Sem Groselha
(2 de agosto de 2022)

”

“

filósofo francês

--- ● Merleau Ponty

O Olho e o Espírito
em Art de France, n.I
(1961)

”

“

lama budista brasileiro [Alfredo Aveline: físico brasileiro]

--- ● Lama
Padma Samten

A doença mental na perspectiva budista
palestra oferecida no
Hospital da Lagoa
Rio de Janeiro
(Janeiro de 2010)

”

26.

27.

28.



pontos
auto-gerados:

O Papel Organizador do Espaço: Arte, Educação e Pandemia | Esboço nº1
disciplina:
Técnicas de Reprodução III
[2020]

Análise Crítica da Obra TV-Buddha
disciplina:
Mídia VI
[2020]

K: Lei do Escopo
disciplina:
Antroposemiofagiologia
[2016]

plano √-1: O Espírito

TV Buddha, obra desdobrada em uma série de variações da mesma estrutura, é composta por uma estátua de Buda, posicionada em frente a uma televisão que projeta a imagem da própria estátua. Atrás do aparelho televisor, uma câmera captura a imagem que está sendo projetada em tempo real. A estátua contempla sua própria imagem eternamente. A simplicidade da estrutura talvez a categorize como um arquétipo multimidiático.

Também se desprende de TV Buddha um comentário específico acerca da filosofia budista, que há mais de dois milênios trata essencialmente o tema do observador como criador da realidade. Vertentes da ciência física contemporânea sugerem hipóteses radicais quanto à relação entre observador e realidade, representação, existência e simulação nublando toda a concepção de mundo do materialismo clássico, que dividia claramente um observador imparcial de um mundo objetivamente observável.

Enquanto boa parte da produção ocidental em arte e tecnologia empolga-se com a criação de novos mundos como exploradores ultramarinos, TV Buddah parece guardar um segredo antigo, um aviso ancestral suspenso no presente contemplativo-criador entre observador e imagem: de que esse jogo aparentemente novo, propiciado pelas virtualidades tecnológicas, talvez seja o mais antigo da história da consciência.

Essas reflexões ganharam um novo olhar no momento da pandemia mundial da COVID-19 que reconfigurou diversas atividades, adequando-as às necessidades de isolamento social através das tecnologias de comunicação contemporâneas.

Os afetos distintos que caracterizam ambientes de trabalho, de aprendizado ou de criação, condicionando diferentemente nossos corpos para diferentes tipos de ação sobre a realidade, são substituídos pela relação do indivíduo com a tela, com a imagem do outro, com a permanente interpretação da realidade que passam a substituir a realidade viva do encontro.

A cisão entre o eu e o outro, a “linguagem como falta” de Lacan, materializou-se em nossas vidas de forma abrupta. Trata-se de um tema caro tanto à arte quanto à educação, e a cisão definitiva apresentada pelo atual estado de coisas parece oferecer uma experiência de vida comum a todos nós, contemporâneos do advento final da máquina sobre a humanidade que a criou. Uma vivência compartilhada que pode provar-se extremamente didática e transformadora, se logarmos apreender dela os novos capítulos de um debate tão antigo quanto a própria civilização.



Máquina Tadeusz Kantor
[Catálogo de Exposição]

Shambala: The Sacred
Path of the Warrior
[Chögyam Trungpa]

The Illumnatus! Trilogy
[Robert Shea e
Robert Anton Wilson]

Iluminação no Olhar:
Os usos da imagem na
educação budista indo-tibetana
[Daniel Confortin]



29.

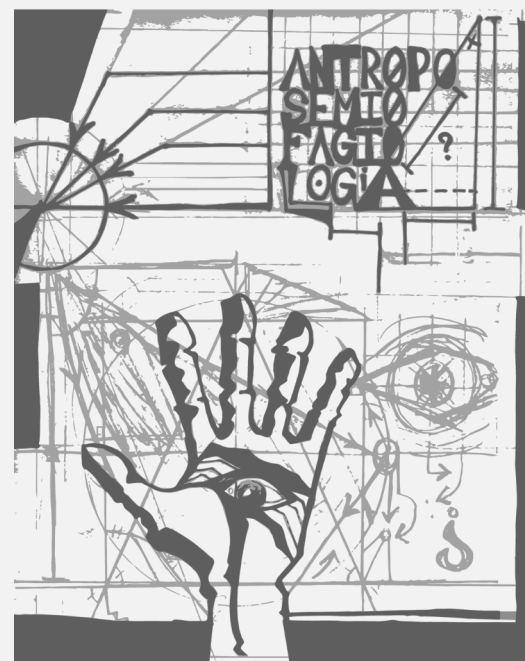
Nam June Paik

TV-Buddah
[1974]

“

artista sul-coreano

”



E pensar que parecíamos estar vivendo juntos o mundo que em redor de nós se desdobrava. Mas passado um tempo vê-se que a subjetividade organizadora de cada um de nossos olhares era infinitamente diversa das outras que a acompanhavam na mesma jornada, e até quando acreditávamos concordar, não percebíamos o intrincado jogo de traduções que permitia-nos inventar a concordância. O caleidoscópio do olhar de cada um não se pode traduzir completamente ao entendimento de outro.

(...)

Todo acordo sobre o que vemos será sempre um modelo suficiente, e muitas vezes nos agarraremos a ele, talvez pela pura vontade de estarmos juntos, e acreditaremos ser o mundo o conjunto da média das aparências coletivizadas.

O Show do Eu
é uma exposição virtual interativa baseada na intersecção entre o EU e a rede mundial de computadores.

idealizado por **Rafael Frederico** na **Vivência em Ateliê Permanente (VAP)**



VAP é uma disciplina de ateliê livre ministrada no Instituto de Artes da UNESP.

e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho. e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho.

e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho. e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho.

e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho. e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho.

e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho. e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho.

e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho. e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho.

e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho. e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho.

aproximações	estéticas
Ciência Ocidental	Dharma Budista
notas técnicas acerca dos fenômenos observáveis	notas técnicas acerca do fenômeno do observador
iluminismo	iluminação
no inglês: enlightenment	no inglês enlightenment
princípio da incerteza	avydia
[física quântica] não se sabe onde? e como? ao mesmo tempo	auto-engano; ocultação da ocultação
transferência	guruyoga
[psicanálise] relação paciente-terapeuta	relação praticante-guru
surrealismo	a realidade é sonho
[história da arte] o sonho é a super-realidade	e sonho é realidade
pedagogia	meios-hábeis
[educação] {a}(o) professor{a}	Chenrezig, o bodisatva de mil braços
materialismo dialético	karma
[história] [economia] [política]	ciclos de originações condicionadas



A Roda da Vida é um diagrama técnico da ilusão conhecida como EU, em suas múltiplas intersecções com o mundo dos fenômenos.

criado pela escola **Sarvastivada**, precursora do **Budismo Mahayana**, aqui em transcrição brasileira do **Centro de Estudos Budistas Bodisatva (CEBB)**

e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho. e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho.

e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho. e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho.

e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho. e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho.

e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho. e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho.

e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho. e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho.

e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho. e você tem a nítida sensação de estar vivendo num filme ou num sonho.

Sarvastivāda é um termo sânscrito que pode ser glosado como: "a teoria de tudo o que existe". - da Wikipedia

ponto de ruptura: de Marx a Marques

30.

Luiz Marques

em
O 'marxismo científico'
no Jornal da Unicamp
[2019]

“

historiador da arte e ambientalista brasileiro

”

Uma das bandeiras mais aguerridas do bolsonarismo é o combate ao “marxismo cultural” (...). Na realidade, ninguém sabe muito bem o que é esse bicho-papão que os assombra. Segundo o verbete do Wikipedia:

“Marxismo cultural é uma teoria da conspiração difundida nos círculos conservadores e de extrema-direita estadunidense desde a década de 1990. Refere-se a **uma suposta forma de marxismo**, alegadamente adaptada de termos econômicos a termos culturais pela Escola de Frankfurt, que teria se infiltrado nas sociedades ocidentais **com o objetivo final de destruir suas instituições e valores tradicionais através do estabelecimento de uma sociedade global, igualitária e multicultural**”.

grifo nosso



ceci n'est pa une blague
isso não é uma piada

grifo nosso

31.

Luiz Marques

em
Por uma Universidade
implicada na agenda de
nosso tempo
no Jornal da Unicamp
[2017]

“

historiador da arte e ambientalista brasileiro

”

A Universidade tem o poder e o dever de se implicar, como força coadjuvante, no trabalho coletivo de mudar – enquanto e quanto ainda for possível – as feições desse retrato. Salvar a Universidade pública significa, hoje, **passar da defensiva à ofensiva**, vale dizer, proclamar **nossa presença nas grandes encruzilhadas do presente** e nosso compromisso ético e científico de **preparar nossos estudantes para o futuro sombrio** que, sobretudo eles, deverão afrontar.

O primeiro esforço, e o mais difícil, requerido para passar à ofensiva **é reconhecer a gravidade extrema da situação** atual. A Advertência de 2017 descreve-a bem ao afirmar: “Para prevenir miséria generalizada e perda catastrófica de biodiversidade, a humanidade deve praticar uma alternativa mais sustentável que o business as usual. (...) Logo será tarde demais para desviarmos de nossa trajetória de fracasso, e **o tempo está se esgotando**”.

Alguém disse certa vez que **é mais fácil imaginar o fim do mundo do que imaginar o fim do capitalismo**. Agora podemos retrabalhar essa afirmação, e testemunhar **a tentativa de imaginar o capitalismo ao imaginar o fim do mundo**.

grifo nosso

2017 - Por uma
Universidade
implicada na
agenda de nosso
tempo. (artigo)
O que isso poderia
significar para uma
Universidade de
Arte?
Como a
investigação crítica
e prática sobre
Educação Estética
pode responder aos
espelhos suíças
da esquizofrenia
social?

?

2019 - O 'marxismo
científico' (artigo)
(Re)Marx - crítica às
heranças culturais
e políticas de
vertentes atuais da
esquerda, aliada a
uma reformulação
empírica radical
do anticapitalismo
necessário ao nosso
tempo

Marques(cismo) -
Reencarnando a
Hipótese Comunista
[Badiou]

?

2015 - Capitalismo e
Colapso Ambiental
(livro)
Já na introdução, a
esquizofrenia social
em dados estatísticos
da psicologia de
massa.

?

2022 - Da geofísica à
sociofísica (artigo)
As complexas
relações entre
ciência, cultura,
psiquê, política,
economia e o colapso
climático
problematizando o
“realismo” científico

O Colapso ?

grifo nosso

Numa escala de conjunto, no entanto, a forma moderna, dita “democrática”, do Estado burguês, cujo suporte é o capitalismo globalizado, pode se apresentar como sem rival no campo ideológico. Durante três décadas, a palavra “comunismo” foi ou completamente esquecida, ou identificada na prática com empresas criminosas. Foi por isso que **a situação subjetiva da política se tornou tão confusa em todo o mundo**. Sem Ideia, a desorientação das massas populares é inelutável.

“

filósofo francês

”

33.

Alain Badiou

A Ideia do Comunismo
em A Hipótese Comunista
(2009)

“

filósofo norte-americano

”

32.

Fredrich Jameson

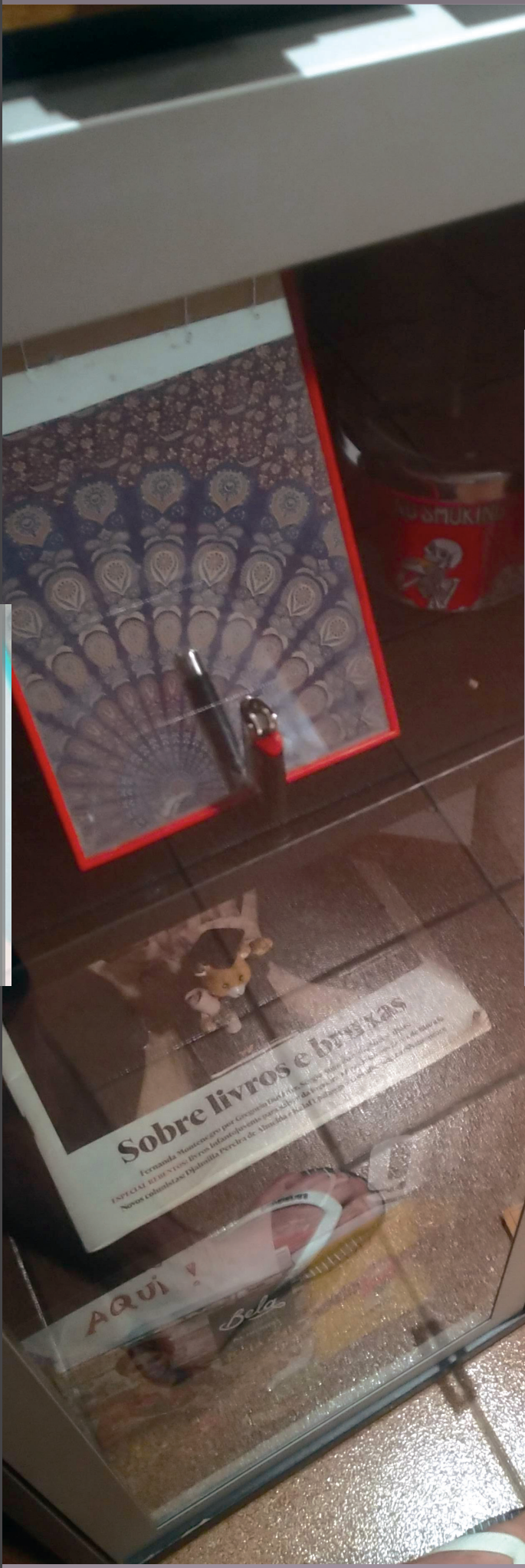
A cidade do Futuro em
New Left Review n.23 (2003)



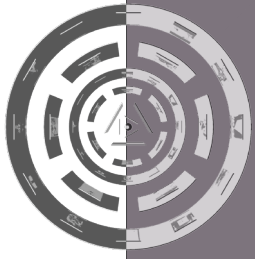
O Jogo:

1. Todas as pessoas do mundo estão sempre jogando **O Jogo**.
2. **O Jogo** nunca é interrompido, e ninguém pode se recusar a jogar.
3. Sempre que alguém pensa n'**O Jogo**, esse alguém perde **O Jogo**, e deve declarar publicamente sua derrota.

tradição folclórica de povos da internet



inter : **AÇÃO** :



grifo nosso

As novas eras não começam de uma vez.
Meu avô viveu já nos novos tempos
Meu neto com certeza viverá ainda nos velhos.

A carne nova é comida com os velhos garfos.

Não foram os veículos motorizados
Nem os tanques
Não foram os aviões sobre nossos tetos
Nem os bombardeiros.

**Das novas antenas vieram as velhas bobagens.
A sabedoria distribuiu-se de boca em boca.**

“ poeta, dramaturgo e ativista político alemão ”

— Bertolt Brecht

poema
As Novas Eras
(1943)

34.



o laboratório do**Eu**

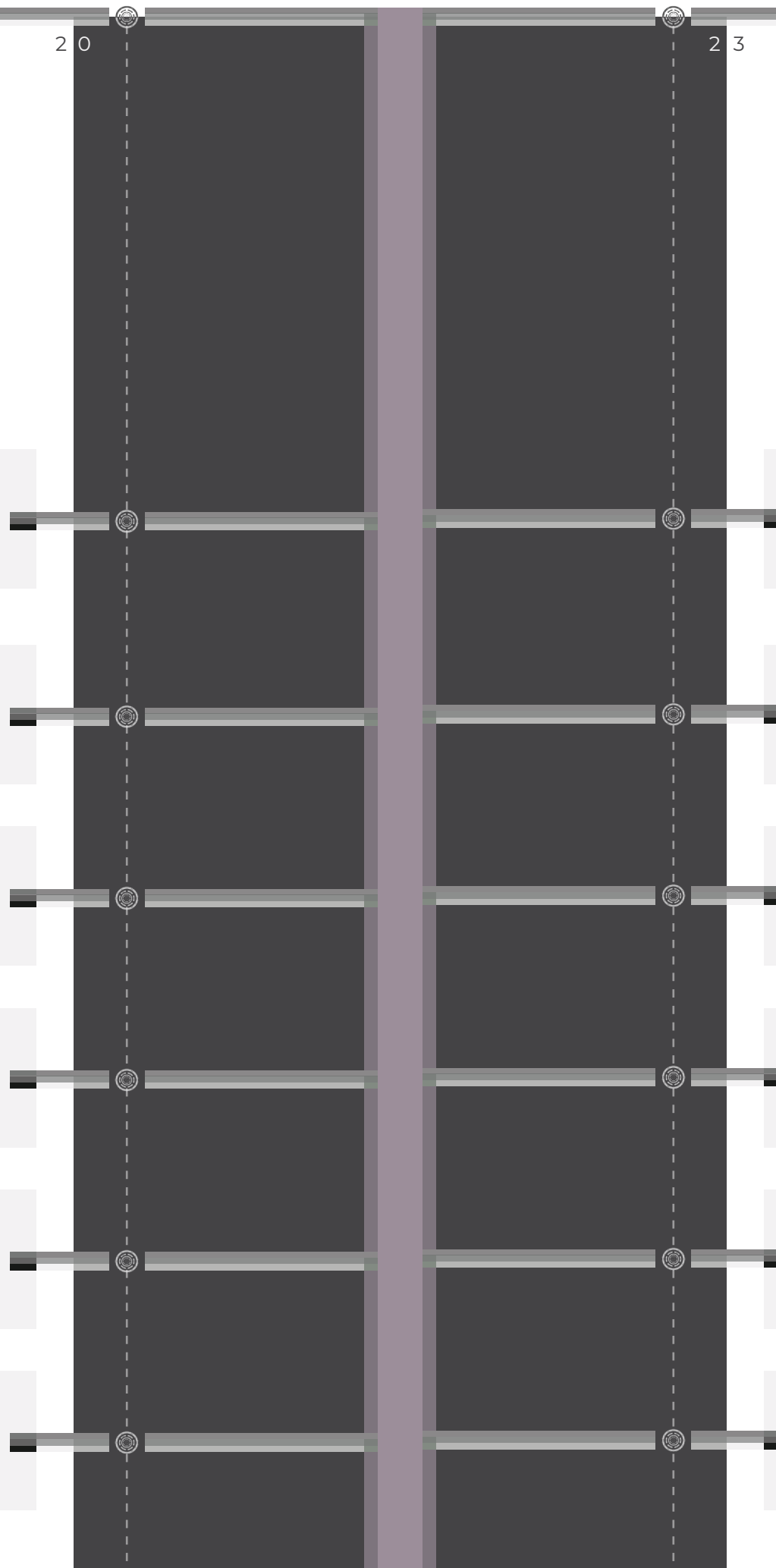
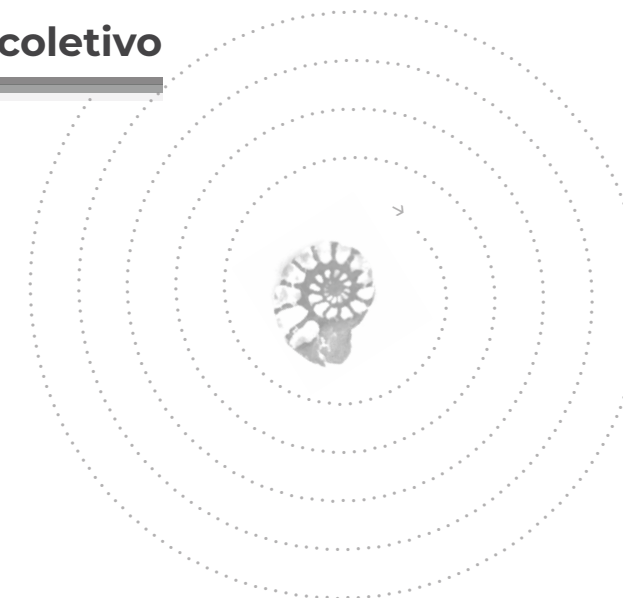
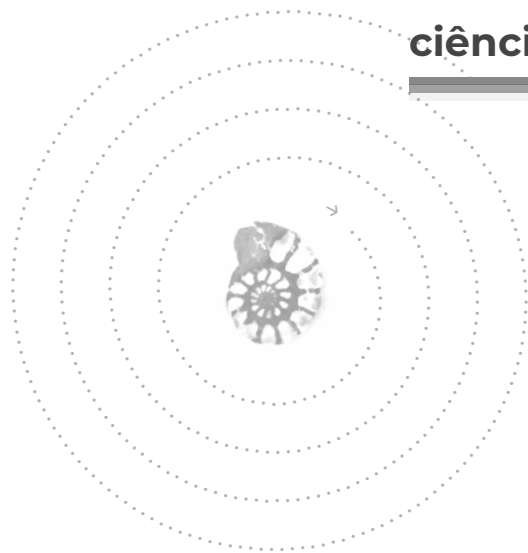
► transmutação do **EU** em **NÓS**

ciência em primeira pessoa

► **plano de curso coletivo**

notas do
**Almanaque do
Praticante**

notas para o
**Diário do
Guru**





“

35.

Ray Bradbury

escritor e roteirista norte-americano

em
Fahrenheit 451
[1966]

”

Pedagogia das Encruzilhadas
[Luiz Rufino]



Não é de livros que você precisa, mas de algumas das coisas que certa vez estiveram nos livros. (...) A mesma quantidade infinita de detalhes e consciência poderia ser projetada pelo rádio, e pelos televisores, mas não é. Não, de fato não são livros que você está procurando! Pegue onde encontrar, em velhos discos fonográficos, velhos filmes, e velhos amigos; procure na natureza e procure em você mesmo. Livros eram apenas um dos tipos de receptáculos nos quais guardávamos um monte de coisas que tínhamos medo de esquecer. Não tem nada mágico neles. A magia está apenas naquilo que os livros falam, como eles costuravam os retalhos do universo em uma vestimenta para nós.

reúna notas, críticas e sugestões e venha tomar um café na ...



“

36.

O POETA – Todo o mistério será aclarado. Basta que o homem queime a própria alma!

Um imenso clarão se anuncia no fundo.

(...)

Flamba tudo nas mãos heroicas do Poeta.

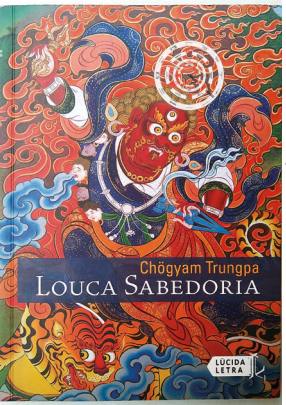
O HIEROFANTE (Aproximando-se da platéia.) – Respeitável público! Não vos pedimos palmas, pedimos bombeiros! Se quiserdes salvar as vossas tradições e a vossa moral, ide chamar os bombeiros ou se preferirdes a polícia! Somos como vós mesmos, um imenso cadáver gangrenado! Salvai nossas podridões e talvez vos salvareis da fogueira acesa do mundo!

Oswald de Andrade

poeta, escritor, dramaturgo e agitador cultural brasileiro

em
A Morta
[1937]

”



Louca Sabedoria
[Chögyam Trungpa]

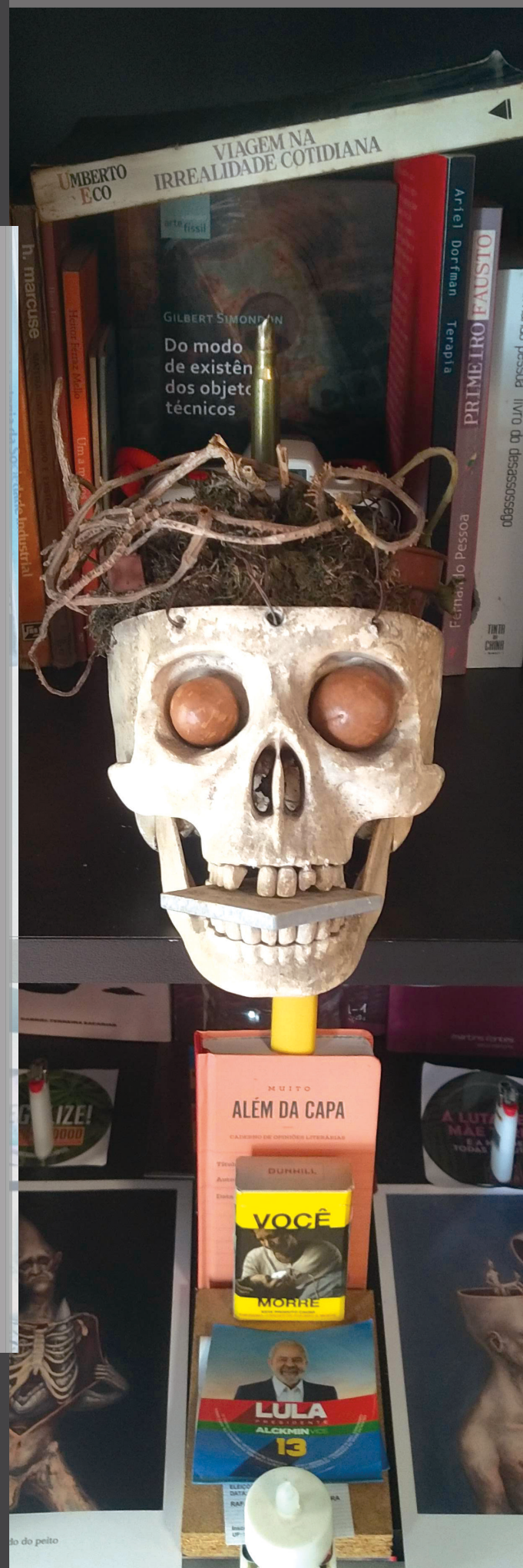
Não me recordo de ter escrito uma palavra sequer que não fosse verdadeira. A escrita tem a fama de falsear, mas creio ser exatamente o oposto. Na escrita está exposta a estrutura do pensamento, de tal forma que até a mentira que porventura se queira transmitir terá em si mais verdade que qualquer outra forma de linguagem, talvez com exceção da música e da matemática.

O cinema, o quadro, a escultura, estes falseiam, mentem e enganam. Apresentam-se como imagem do mundo ao mesmo tempo em que são objeto dentro do mesmo, parecendo querer nublar a linha entre representação e realidade. A escrita não tem esse poder pois é imaterial, desde sua concepção até a consumação da leitura. Não existe cor, nem forma, nem substância outra que não o pensamento puro, o jogo lógico das frases e parágrafos. É um mundo irreal por natureza, e portanto inevitavelmente verdadeiro em sua proposta.

(...)

Não se pode acreditar que o mundo que se lê seja de fato o mundo, e se por acaso o fazemos, talvez seja por vivermos demais nas palavras.

Excerto da obra dispersa de **Pícaro Dias**,
Teórico da Revolução e Picareta do Poema



epílogo

o fim doEU

o colapso da subjetividade

Assim, normalmente, somos governados por essa mente conceitual que **solidifica em nossa percepção algo que chamamos de “um eu”**. E acreditamos neste eu. É quem nós somos. Fazemos tudo o que podemos para acalmar esse eu – para fazê-lo feliz e tentar evitar qualquer sofrimento. No entanto, o próprio ego não está preocupado com a felicidade ou o sofrimento. **O ego, de fato, fica feliz por ser miserável porque isso ainda o faz parecer algo realmente existente.**

Observamos que **as pessoas muito infelizes são totalmente centradas em si mesmas e em seus sofrimentos**. As pessoas com alguma perturbação psicológica são normalmente focadas em si mesmas. Talvez esta seja uma razão porque os psiquiatras e os terapeutas prosperam, pois eles são pagos para sentar e ouvir enquanto os pacientes falam, sem parar, de si mesmos e de suas infâncias miseráveis.

grifo nosso

Um dos pontos mais essenciais da experiência [psic]analítica, e isso desde o começo, **é a noção da falta de objeto**. Jamais, em nossa experiência concreta da teoria [psic]analítica, podemos prescindir de uma noção da falta de objeto como central. **Não é um negativo, mas a própria mola da relação do sujeito com o mundo.**

grifo nosso

Sempre nos interessamos pelo que fica de fora.

Tensão entre **o que se representa** e **o que não se representa**.

Entre **o articulado** e **o silêncio**.

Silêncio alusivo, r e t i c ê n c i a . . .

Temos a reticência como prazer e luta profunda, em aceno à esperança, em meio à desesperança política de outra ordem qualquer...

grifo nosso

3 4

“

monja budista, nascida inglesa [Diane Perry]

37.

Jetsunma

----- Tenzin Palmo

sobre a
Prajnaparamita (Sabedoria):
a sexta das Seis Perfeições

”

“

psicanalista francês

38.

----- Jacques Lacan

nO **Seminário**, livro 4:
A relação de objeto (1956/57)

”

“

grupo de teatro paulistano

39.

Companhia

----- Antropofágica

em alguma das muitas
Cartas de Desculpas

”

educação estética antídoto para o espetáculo

Prolegomenologia
do Espírito
Moderno

→ O fim
decreto da História
inaugura a era dos
comentários fracos.
Prólogos, Epílogos, Prefácios.

O pós-fácio conclusivo da
humanidade
torna-se capítulo fácil
no cassino das palavras
recombinadas em miséria
crítica e espiritual.

A história do fato acabou,
e a piada reina pronta
numa eterna farsa
de repetições débeis.

Do império burocrata do gozo;
que conduzam o jogo
os donos da vida;
tudo disso já se disse,
e é tudo verdade.

Mas a verdade da palavra
descobriu-se falsa,
e a realidade do concreto armado
traiu todas as esperanças de
reinvenção.

A roda da História ignora o indivíduo,
e seu fim anunciado
nos ofende a liberdade
de ser.

Nenhuma arqueologia de
atos esquecidos
será capaz de alterar as linhas duras
do contorno apresentado.

Só fará reforçar a incompetência
humana
em guiar os burros n'água
da charrete História.

Não há mais vida,
e da vida que há, nada se pode
fazer por meio das palavras.

Nem técnica científica,
nem arte poética,
serão capazes de escrever o novo
em páginas que a realidade
ainda não produziu.

Vetor nenhum abalará a geometria
do perfeito equilíbrio dos fatos.

canto 1

O Decurso do Método: para nem guiar a razão nem buscar a verdade dentro da ciência

canto
inferior
esquerdo

[descarte](s)

ou
A Traição da Matéria

Mas se esse é
o fim
que nos cabe
no momento,
nada nem ninguém fará reter
a força da torrente lírica.

Sigam-me os bons,
os maus
e os feios,
que não busquem na arte
o consolo
ou a fé
que lhes falte em vida.

A arte não lhes pode salvar,
como também não pôde nenhum profeta
dotado de visão.

O poeta não mais canta,
nem escreve,
nem caminha o eremita rumo à
salvação.

As escrituras se perderam na internet,
e já ninguém sabe muito bem o que diziam:

Tudo é calma,ria,
e o silêncio, revolução constante.

Tudo é movimento,
e a explosão, mera face do eterno.

Deus morreu em si
pra renascer espalhadinho em toda parte,
e o artista profano
nada pode fazer que escape
ao desesperado culto
a todas as possibilidades.

Só lhe resta imaculada
a profecia do mar revoltado,
que na atual tormenta
ou numa próxima,
condena sem palavras,
ou promessas,
todas as naus
ao naufrágio
certo

(!)

“ . ”

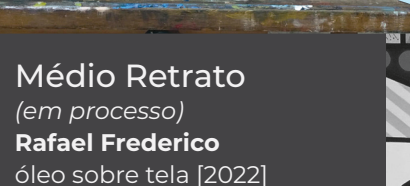
[?]

canto
inferior
esquerdo

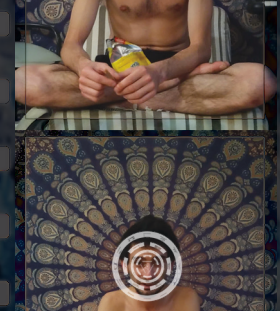
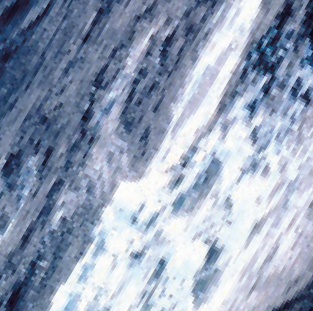
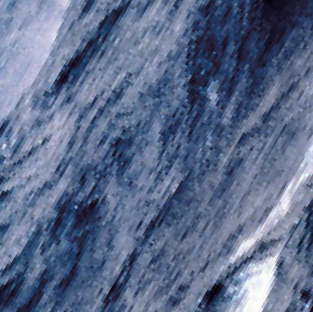
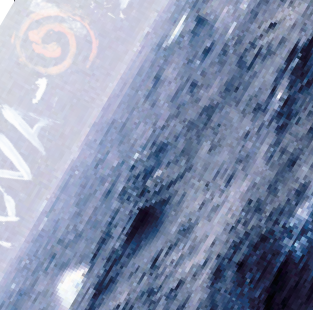
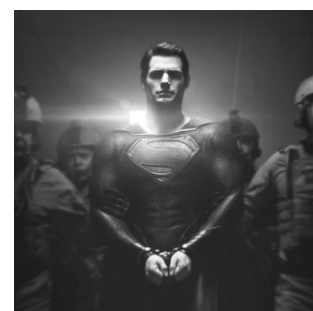
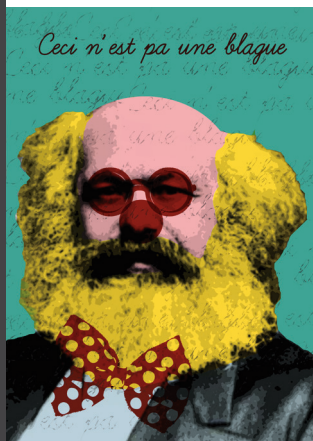
[marque](s)

canto 2

tudo que é insólito deslancha no mar

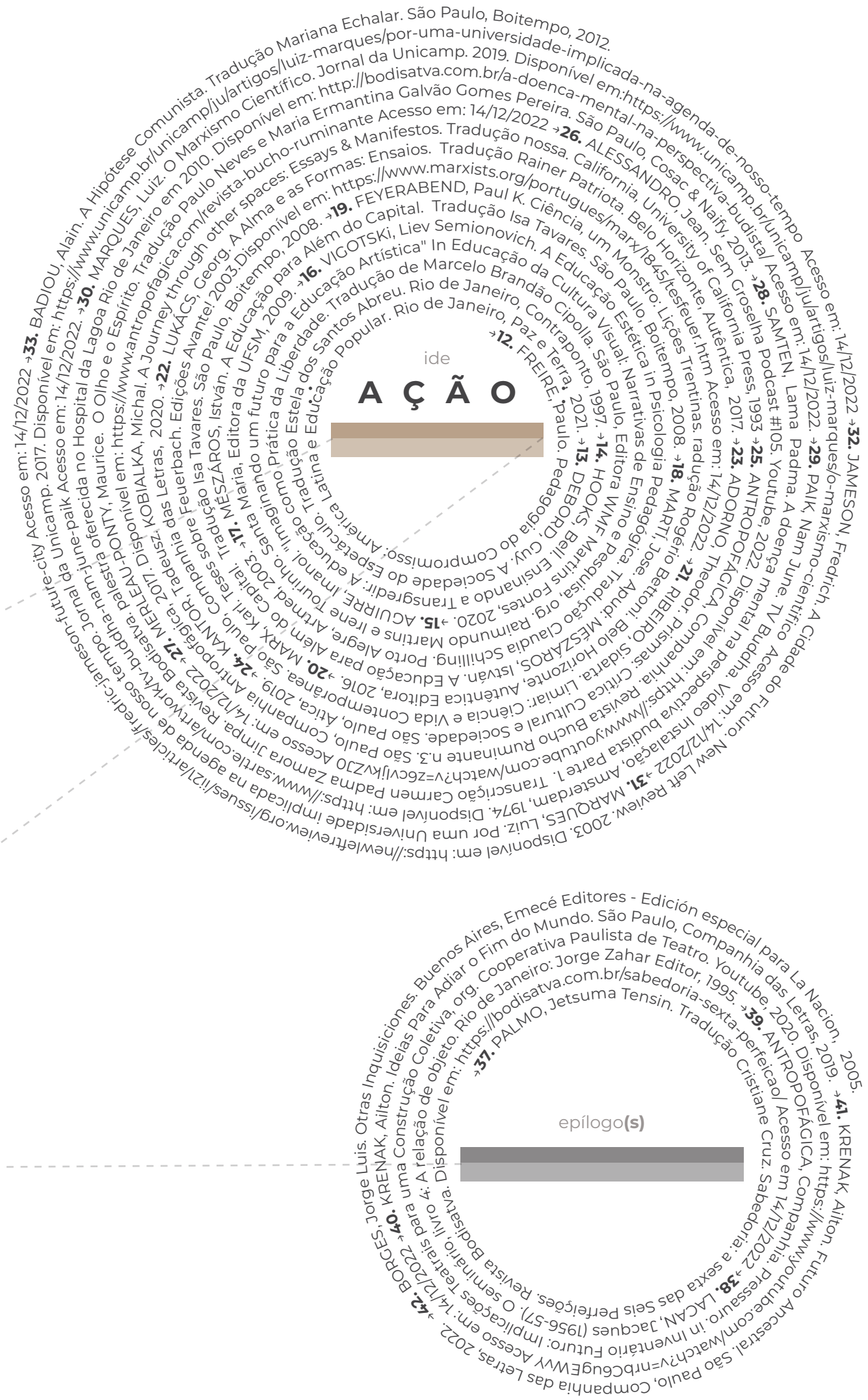


Médio Retrato
(em processo)
Rafael Frederico
óleo sobre tela [2022]





espirais bibliográficas



raíz em desuso, sandália esquecida na areia da praia

(2010) R.F

e a força do golpe
que um dia fez quebrar
a dura casca da semente?

ou será foi a casca
que o quis de tal maneira,
julgando, a seu modo,
ser chegada então a hora?

e a hora de agora,
não chega?
não?

ou será que já soa o alarme?
que é o velho relógio a tocar?
há quanto tempo já soa inaudito,
a quem mesmo tentando acordar?



mais 5 minutos,

mais 5 minutos,

me deixa voltar a sonhar



de fato **Ele** havia achado um brinquedo incrível



mas a vida aconteceu

enquanto **Elas** dançavam lá fora

42.

A música, os estados de felicidade, a mitologia, os rostos trabalhados pelo tempo, certos crepúsculos e certos lugares querem nos dizer algo, ou algo disseram que não deveríamos ter perdido, ou estão a ponto de dizer algo; essa iminência de uma revelação que não se produz é, quem sabe, o fato estético.

— — — ● **Jorge Luis Borges**
em
A Muralha e os Livros
(1950)

poeta, escritor, ensaísta e tradutor **argentino**

Selo [ou não sê-lo]
Fernando
e as **Pessoas**



3. CONCLUSÃO

Esperamos que neste ponto o leitor não aguarde uma conclusão de nossa parte. Todo o trabalho foi construído, desde o título, sob a premissa da impossibilidade de concluir-se qualquer coisa no atual estágio de nosso vocabulário comum. Ou ainda pior, que as conclusões apresentadas diante de nós, e que evitamos a todo instante, não são nada positivas.

O desastre coletivo anunciado pela ciência, e constantemente ignorado pela máquina social, parece exigir algum tipo de radicalidade de nossa parte. Mas no campo de nossa ação individual parecemos incapazes de romper a repetição mecânica do cotidiano. É preciso operar sobre esse limite entre o EU e o NÓS, sob o risco de nossa própria extinção.

Esse trabalho não pretende resolver, nem tampouco encerrar esse debate, que em verdade está por toda parte. Mas foi nossa forma sincera de alinhar nossa própria trajetória artística rumo a uma prática na qual possamos acreditar.

Do ponto de vista científico e pedagógico, nossa performance se apresenta como um esboço para um laboratório do EU - defendido como uma ilusão constantemente recriada através de nossas múltiplas interações em sociedade. O espaço do encontro, uma tentativa de reinvenção coletiva através do diálogo, em busca de um outro NÓS. E enfim, pretendendo concluir ao menos a presente graduação, encontramos a defesa da Educação e da Arte, como formas de romper o ciclo de uma esquizofrenia social suicida.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Prismas: Crítica Cultural e Sociedade**. São Paulo, Ática, 2019.

AGUIRRE, Imanol. "Imaginando um futuro para a Educação Artística" In **Educação da Cultura Visual: Narrativas de Ensino e Pesquisa**, org. Raimundo Martins e Irene Tourinho. Santa Maria, Editora da UFSM, 2009.

ALESSANDRO, Jean. Sem Groselha Podcast #105. Youtube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z6cvljkvZJ0> Acesso em: 14/12/2022

ANDERS, Günther. **Teses para a Era Atômica**. SOPRO. 2013. Disponível em: <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/outros/anders.html#.Y5inq3bMK3A> Acesso em: 14/12/2022

ANDRADE, Oswald de. A Morta in **Oswald de Andrade Obras Completas 8 - Teatro**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1973.

ANTROPOFÁGICA, Companhia. Pressauro. in Inventário Futuro: Implicações Teatrais para uma Construção Coletiva, org. Cooperativa Paulista de Teatro. Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nrbC6ugEWvY> Acesso em: 14/12/2022

ANTROPOFÁGICA, Companhia. **Revista Bucho Ruminante n.3**. São Paulo, Companhia Antropofágica, 2017. Disponível em: <https://www.antropofagica.com/revista-bucho-ruminante> Acesso em: 14/12/2022

ARTAUD, Antonin. **A Eterna Traição dos Brancos**. SOPRO. 2013. Disponível em: <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/arquivo/artaud.html#.Y5iqVnbMK3B> Acesso em: 14/12/2022.

BADIOU, Alain. **A Hipótese Comunista**. Tradução Mariana Echalar. São Paulo, Boitempo, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

BORGES, Jorge Luis. **Otras Inquisiciones**. Buenos Aires, Emecé Editores - Edición especial para La Nacion, 2005.

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. Tradução nossa. New York, Simon & Schuster, 2013.

BRECHT, Bertolt. **Poesia**. Organização e tradução André Vallias. São Paulo: Perspectiva, 2019.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

DELEUZE, Giles. **Diferença e Repetição**. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2022.

FEYERABEND, Paul K. **Ciência, um Monstro**: Lições Trentinas. radução Rogério Bettoni. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Compromisso**: América Latina e Educação Popular. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2021.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir**: A educação como Prática da Liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2020.

JAMESON, Fredrich. **A Cidade do Futuro**. New Left Review. 2003. Disponível em: <https://newleftreview.org/issues/ii21/articles/fredric-jameson-future-city> Acesso em: 14/12/2022

KANTOR, Tadeusz. KOBIALKA, Michal. **A Journey through other spaces**: Essays & Manifestos. Tradução nossa. California, University of California Press, 1993

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias Para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

LACAN, Jacques (1956-57). O seminário, livro 4: A relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LUKÁCS, Georg. **A Alma e as Formas**: Ensaios. Tradução Rainer Patriota. Belo Horizonte, Autêntica, 2017.

MARQUES, L. Da geofísica à sociofísica. *Jornal da Unicamp*, 2022. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/luiz-marques/da-geofisica-sociofisica>
Acesso em: 14/12/2022

MARQUES, Luiz. **Capitalismo e Colapso Ambiental**. Campinas, Editora da Unicamp, 2018.

MARQUES, Luiz. O Marxismo Científico. *Jornal da Unicamp*. 2019. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/luiz-marques/o-marxismo-cientifico>
Acesso em: 14/12/2022

MARQUES, Luiz. Por uma Universidade implicada na agenda de nosso tempo. *Jornal da Unicamp*. 2017. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/luiz-marques/por-uma-universidade-implicada-na-agenda-de-nosso-tempo>
Acesso em: 14/12/2022

MARTÍ, Jose. Apud: MÉSZÁROS, István. *A Educação para Além do Capital*. Tradução Isa Tavares. São Paulo, Boitempo, 2008.

MARX, Karl. *Teses sobre Feuerbach*. Edições Avante! 2003. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>
Acesso em: 14/12/2022.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Olho e o Espírito**. Tradução Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo, Cosac & Naify, 2013.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para Além do Capital**. Tradução Isa Tavares. São Paulo, Boitempo, 2008.

NUNES, Rodrigo, O presente de uma Ilusão. *Piauí*. 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-presente-de-uma-ilusao/>
Acesso em: 14/12/2022.

PAIK, Nam June. *TV Buddha*. Video Instalação, Amsterdam, 1974. Disponível em: <https://www.sartle.com/artwork/tv-buddha-nam-june-paik>
Acesso em: 14/12/2022.

PALMO, Jetsuma Tensin. Tradução Cristiane Cruz. Sabedoria: a sexta das Seis Perfeições. Revista Bodisatva. Disponível em: <https://bodisatva.com.br/sabedoria-sexta-perfeicao/> Acesso em 14/12/2022

RIBEIRO, Sidarta. **Limiar**: Ciência e Vida Contemporânea. São Paulo, Companhia das Letras, 2020.

SAMTEN, Lama Padma. A doença mental na perspectiva budista Parte 1. Transcrição Carmen Padma Zamora Jimpa. Revista Bodisatva. palestra oferecida no Hospital da Lagoa Rio de Janeiro em 2010. Disponível em: <http://bodisatva.com.br/a-doenca-mental-na-perspectiva-budista/> Acesso em: 14/12/2022.

SAMTEN, Lama Padma. Ensino de sonho para seres de sonho. Centro de Estudos Budistas Bodisatva (CEBB) Caminho do Meio na noite de 07 de março de 2018. Disponível em: <https://cebb.org.br/ensino-de-sonhos-para-seres-de-sonho/> Acesso em: 14/12/2022. Transcrição - Isabel Poncio.

SHAKESPEARE, William. **Teatro Completo Volume II**: Comédias e Romances. Tradução Barbara Heliodora. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 2000.

THUNBERG, Greta. Veja na Íntegra o Discurso de Greta Thunberg nas Nações Unidas. ONU News, 2019. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/09/1688042> Acesso em: 14/12/2022.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. A Educação Estética in **Psicologia Pedagógica**. Tradução Claudia Schilling. Porto Alegre, Artmed, 2003.

ZIZEK, Slavoj. **Vivendo no Fim dos Tempos**. Tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo, Boitempo, 2012.